

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Alma Sonne

Assistente do Conselho dos Doze



Joseph Smith surgiu no esplendor do século XIX, afirmando que as igrejas ditas cristãs haviam quebrado as leis e modificado o Evangelho eterno. (Veja Isaías 24:5) Era o cumprimento da profecia. A obrigação imposta aos santos dos últimos dias é pregar o Evangelho restaurado, e posso dizer, em plena consciência e verdade, que a Igreja restaurada está cumprindo esta grande tarefa. Em um ano de sua organização, já havia missionários seus pregando a restauração da verdade divina, embora frequentemente não dispusessem de recursos para se manter. Seu sucesso foi fenomenal. A Igreja cresceu e prosperou, através do concurso de um sistema missionário que não encontra paralelo na história das religiões.

Foram visitados países estrangeiros. Cresceu a oposição. Em alguns casos, houve ataques do populacho. A imprensa veiculava invectivas insultuosas. A perseguição andava à solta; até mesmo as igrejas mostravam-se hostis. Não obstante, a nova Igreja, organizada sob a direção divina crescia e prosperava e, finalmente, transferiu-se para as Montanhas Rochosas, conforme já o havia profetizado Joseph Smith.

Esta obra continua progredindo, irmãos e irmãs e prosseguirá em sua marcha vitoriosa, até que venha a encher tôda a terra. (Veja Daniel 2:35), e nada poderá obstar o seu progresso (Veja D&C 38:22).

Nêste Número:

Mensagem de Inspiração. Alma Sonne	2
O Espírito Pioneiro. Pres. Joseph Fielding Smith	3
Herança de um Profeta. Richard L. Anderson	5
As Qualidades Humans... Leonard J. Arrington	9
Interdependência... William G. Dyer	13
Pres. Joseph Fielding Smith. Edith S. Patrick	17
Uma Tormenta em alto Mar. Iris Syndergaard	18
Joseph Smith com um Jovem. James B. Allen	21
Minha Jornada com Deus. Carla Sansom	24
Teriotemana e Puna. Don e Jean Marshall	29
Um Aniversário para Recordar. Harold B. Lee	31
Notícias da Igreja no Brasil.	32

Capa:

Reprodução da cena ocorrida em 1799, em que Asael Smith, avô paterno de Joseph Smith, escreve uma carta surpreendente à sua espôsa e filhos, fotografada por Eldon Linschoten. Ilustra o artigo "Herança de um Profeta" de autoria de Richard L. Anderson, p. 5.

A Liahona

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR

Hélio da Rocha Camargo

REDATOR

Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP

Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Michael Deputy, James Wilson

MISSÃO BRASIL SUL

R. Dr. Flôres, 105, 14.º

CP 1513, Pôrto Alegre, RS

Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE

Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Michael A. Hutchings

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE

Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações expontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,00; exemplar atrasado: Cr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



O Espírito Pioneiro

Presidente

Joseph Fielding Smith

Alguma vez já imaginaram como teria sido viver na mortalidade em outras épocas? Que grandes feitos poderiam ter realizado?

Mas, por mais importante que tais épocas possam ter sido, hoje, o dia em que vivemos é a ocasião mais importante para cada um de nós. E tudo o que realizarmos em retidão, é o que devemos fazer agora.

Julho é o mês em que homenageamos os pioneiros. Eles realizaram grandes coisas, e nós, como membros da Igreja, não importa onde vivamos, deveríamos estar empregando nossos melhores esforços para ampliar as bases que eles nos legaram.

Certo forasteiro, passando pelos fecundos vales de Utah, ao ver os campos cultivados e pomares em flor, comentou: "Não admira que Brigham Young tenha escolhido êstes lindos e férteis vales como um lar permanente para seu povo.

Era primavera. Os campos apresentavam-se verdejantes como os cereais de verão; as árvores frutíferas, ao longo do caminho, estavam em plena florescência; por tôda a parte daquela terra ubérrima, havia a promessa gloriosa de safras abundantes. Comentários assim

são feitos frequentemente por pessoas que por ali passam às pressas e observam o que ocorre hoje em dia. Quase nada sabem dos primórdios daquela região e da quase sôbre humana luta dos pioneiros para vencer a aridez e solidão e fazer com que o deserto florescesse "como a rosa" (Veja Isaías 35:1).

Foi um aspecto diverso com que se defrontou o pequeno, porém corajoso grupo de pioneiros que chegou ao vale do Grande Lago Salgado, em 24 de julho de 1847. O solo era duro e estorricado, quase despido de vegetação, a não ser as minguadas touceiras de capim e arbustos comuns à região, e da artemísia que cobria o vale; ao longo das margens dos regatos, nos abismos, cresciam uns poucos salgueiros e choupos americanos. Era uma cena desoladora e deprimente. Os pioneiros tentaram usar o arado, mas aquêlo chão duro e agreste não se deixou vencer pela faina do lavrador. Sômente depois de terem desviado um regato das montanhas, a fim de ensopá-lo devidamente, foi que conseguiram revolvê-lo, preparando-o para receber o escasso e extremamente valioso suprimento de sementes que trouxeram consigo. E assim, iniciou-se a dura batalha contra os elementos, sob condições adversas, batalha que resultou na conquista do deserto e comêço do nosso moderno sistema de culturas irrigadas.

Como naquele tempo os pioneiros estivessem isolados por milhares de quilômetros das fronteiras da civilização, seus líderes os instruíram a produzir, na medida do possível, tudo o que consumiam e a serem frugais e econômicos, o que ainda hoje constitui excelente conselho. A criação de indústrias domésticas era tema de muitos discursos. Segundo o conselho do Presidente Brigham Young, no sentido de extraírem dos recursos locais o necessário para a subsistência, evitem luxos supérfluos e "produzirem localmente todos os artigos de consumo doméstico", os santos estabeleceram numerosas indústrias úteis e necessárias, como fiação e tecelagem de lã, cur-

tume, fundição, serraria, moinho e olaria. O povo aprendeu a manufaturar os artigos que usava e a cultivar as provisões de bôca. Suas roupas, simples, eram duráveis, um produto artesanal de suas próprias mãos, do qual não se envergonhavam.

As condições reinantes no mundo atual tendem a destruir a unidade de espírito e o interêsse individual pelo bem-estar da comunidade, reduzindo a disposição de mostrarmos nosso afeto pelos semelhantes. Com o aumentar do engrandecimento próprio, ocorreu a diminuição correspondente do interêsse pela comunidade e do amor ao próximo. É impossível colaborar onde não existe união, quando o povo não é um em pensamento, propósito e anseios; quando todos se recusam a trabalhar abnegadamente pelo bem comum; quando impera o apêgo ao dinheiro e aos lucros materiais.

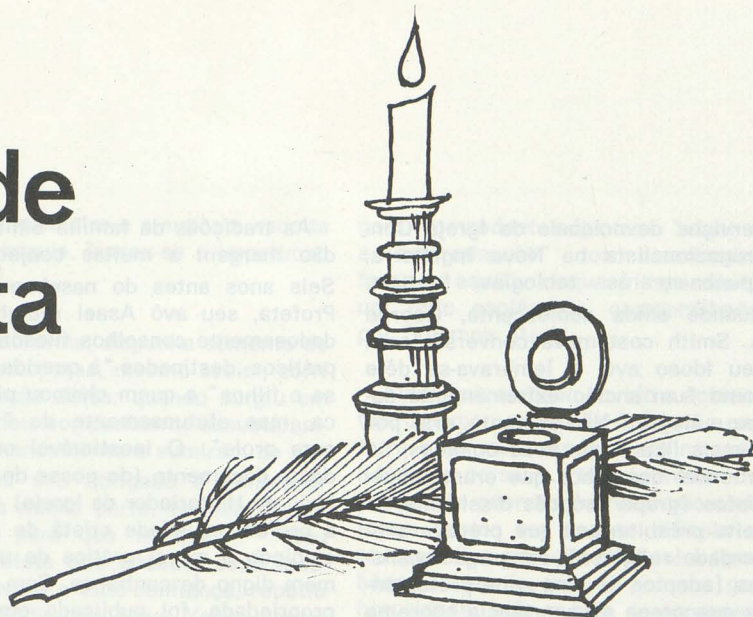
Esperemos que os conceitos e métodos tão bem empregados pelos pioneiros, pelos quais se fortaleceram as comunidades, beneficiando e unindo o povo, não sejam abandonados. Roguemos ao Senhor que persista entre nós uma crescente fraternidade e afeição mútua; que possamos ser "um"; que possamos sentir como Rute em tempos idos: "O teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus." (Rute 1:16)

Sinto orgulho de minha herança pioneira; orgulho de suas realizações e sacrifícios. Hoje, talvez nos pareçam tão longínquos, que seus feitos às vezes são esquecidos. Não é frequente nos darmos conta de tudo por que passaram — privações, sofrimentos, perseguições — não obstante, foi com regozijo que chegaram ao vale do Grande Lago Salgado.

Rogo ao Senhor que cada um de nós — aquêlo cuja ascendência remonta ao próprio início da Igreja, bem como o mais nôvo membro convertido — possa exemplificar em sua vida as características e atribuições que engrandeceram os pioneiros santos dos últimos dias.

Herança de um Profeta

Richard Lloyd Anderson



Em seu primeiro esboço autobiográfico conhecido, o Profeta Joseph Smith destaca o fato de que nascera em 1805, como filho "de pais excelentes que não mediram esforços para instruir-me na religião cristã."¹ Além desses pais extremos ele teve também avós notáveis. Um ano antes de seu martírio, Joseph Smith defendeu ardorosamente a liberdade religiosa de "tôdas as outras denominações", prossequindo depois em tom pessoal: "... o amor à liberdade... foi instilado em minha alma por meus avós, já enquanto me embalavam em seus braços."² O estudo minucioso da juventude do Profeta principia com os ideais desses seus antepassados, comprovadamente transmitidos a seu distinto neto.

Seu bisavô paterno, Samuel Smith, prestou consideráveis serviços cívicos

O Dr. Anderson é professor de história e religião na Universidade de Brigham Young e o autor de numerosos artigos sobre o Novo Testamento e a história da Igreja. Presentemente, ensina a classe de doutrina do Evangelho na 1.ª Ala Pleasant View, Estaca Sharon East.

cos à sua cidade e à legislatura estadual. Foi descrito em seu obituário como "sincero defensor das liberdades de seu país e ardoroso advogado da doutrina do cristianismo."³ Seu filho Asael continuou esta tradição patriótica como soldado na Revolução Americana, embora já fôsse pai de cinco filhos, o mais velho com apenas oito anos de idade. Sendo fazendeiro empreendedor, Asael Smith mostrou-se cidadão preeminente em diversas comunidades de Massachusetts, Nova Hampshire e Vermont. Quando ainda jovem, desempenhou o cargo de oficial de registros.⁴ No auge de suas energias, êle e os filhos possuíam vasta extensão de terras em Turnbridge, Vermont (região em que nasceu o Profeta), onde por duas vezes foi eleito membro do conselho municipal como um dos três componentes da junta administrativa. Foi também escolhido mediador da reunião de eleitores municipais, inspetor rodoviário, membro do júri de instrução, e nomeado para investigar comitês.⁵

Os pontos de vista políticos e práticos de Asael, naquela época de sua

vida, são revelados por uma carta sua, na qual conta uma passagem acêrca do décimo primeiro mandamento: "Cuide de sua própria vida."⁶

A lembrança do "amor à liberdade" de seu avô é facilmente comprovável por continuá-lo, pois Asael esperava que ela se espraiasse pelo mundo, a partir de sua pátria, pela providência de Deus: "Êle conduziu-nos através de uma gloriosa revolução e nos trouxe à terra prometida de paz e liberdade; e creio que concederá ao universo inteiro a mesma bem-aventurança no devido tempo e à sua própria maneira..."⁷ É uma mescla de opiniões políticas e religiosas, pois Asael acreditava no cumprimento literal do segundo capítulo de Daniel — que "tôda a tirania monárquica e eclesiástica seria destruída."⁸ Por isso, não admira que, ao ter notícia do Livro de Mórmon, antes de sua morte em 1830, "êle afirmou ser verdadeiro, pois sabia que aconteceria algo na sua família que viria a revolucionar o mundo."⁹

Embora não haja dúvidas de que Asael tenha participado de alguns

serviços devocionais da Igreja Congregacionista na Nova Inglaterra, opunha-se às teologias formais. Quando ainda adolescente, George A. Smith costumava conversar com seu idoso avô, e lembrava-se dele como "um ancião extremamente sábio e alegre." Não obstante, era "por demais liberal em suas opiniões, no entender dos filhos que eram convenistas (grupo escocês dissidente da seita presbiteriana que pregava a liberdade religiosa), congregacionistas (adeptos de uma seita protestante que prega a importância suprema da congregação local) e presbiterianos (seita tradicionalmente calvinista que investe os poderes governamentais na congregação dos crentes), excetuando-se unicamente, penso eu, seu filho Joseph (o pai). Pouco antes de sua morte, redigiu muitas laudas sobre a doutrina da restauração universal."¹⁰

Tais recordações são precisamente comprovadas pelo Registro Municipal de Turnbridge, que consigna a fundação de uma Sociedade Universalista em 1797, contando entre seus membros Asael Smith, Jesse Smith (o filho mais velho) e Joseph Smith (pai do Profeta). Esses "universalistas" eram um grupo de dissidentes cristãos, que repudiavam a doutrina ortodoxa da maldição eterna, sustentando, pelo contrário, que o amor de Deus é "universal", e a conseqüente salvação de todos. Uma convenção realizada em 1803 adotou o dogma típico que segue: "Cremos que existe um só Deus, cuja natureza é amor, revelada em um Senhor Jesus Cristo, por um Santo Espírito de Graça, que no final reintegrará toda a família humana na santidade e felicidade."¹¹ Asael Smith não cria em um Deus que condenava parte de seus filhos ao tormento eterno.

As tradições da família Smith não dão margem a muitas conjecturas. Seis anos antes do nascimento do Profeta, seu avô Asael redigiu cuidadosamente conselhos filosóficos e práticos, destinados "à querida esposa e filhos" a quem chamou pitoresca, mas afetuosamente de "Minha cara prole". O inestimável original deste documento (de posse do Escritório do Historiador da Igreja) revela a profunda piedade cristã de Asael, exibindo a moral prática de um homem digno de confiança. Com muita propriedade, foi publicado em 1902 por seu tetraneto, naquela época um jovem historiador, e agora presidente da Igreja.¹²

Este testamento-conselho legado aos familiares é, acima de tudo, uma profissão de fé em Jesus Cristo, tanto em sua expiação pelos pecados quanto no poder da ressurreição, transmitindo o apelo de tornarem-se semelhantes a Cristo no amor, na honestidade e na retidão prática. Estes não são elementos integrantes de um impostor ou fanático:

"Façam com seriedade tudo o que se relacionar a Deus — quando pensarem nêle, orarem a êle ou de qualquer forma se dirigirem à sua grande majestade, que seja a sério. Nunca zombem de seu nome, nem de seus atributos, nem o invoquem como testemunha a não ser de sua absoluta verdade, e mesmo assim, somente em caso de motivo justo após madura reflexão."¹³

O espírito de estrita responsabilidade perante Deus impregna praticamente todo o texto. Êle ridiculariza a falsa exibição de riqueza e posição social, e acentua o valor da lealdade familiar, da abnegação da verdadeira

caridade, da diligência e do patriotismo e da gratidão para com Deus. Façam tudo, prescreve Asael, "de maneira justa e honesta, de uma forma pela qual vocês possam viver e morrer, ressuscitar e reinar..."¹⁴ Para êle, a verdadeira religião não consistia em cerimônias vãs, mas em bondade pessoal, devendo ser provada pelas "duas testemunhas" — "as Escrituras" e a "razão justa". Uma tal herança de comedimento não se extingue facilmente. Aos pais de sua família (um dos quais era Joseph Smith Sênior), Asael encarceu os deveres para com os filhos: "Escolham como tarefa suprema criá-los nos caminhos da virtude, para que possam ser úteis à sua geração."¹⁵

Seria difícil duvidar de que Mary Duty Smith, a quem êle se dirige como minha "mui amada esposa" em sua missiva de 1799, não o tenha secundado consideravelmente na tarefa de criar os filhos em "virtude". Asael expressa-lhe sua gratidão: "Com todas as forças e vigor que existem em mim por sua bondade e fidelidade."¹⁶ Mary Duty Smith era extraordinariamente vivaz e afetuosa ainda aos noventa e três anos de idade, quando chegou a Kirtland para reunir-se a quatro de seus filhos, em sua fé diligente no chamado de seu neto-profeta. Naquela ocasião, Eliza R. Snow foi testemunha de sua "vivacidade de espírito"¹⁷

Idealismo e comprovada integridade afloram como elementos graníticos nos escritos do avô materno de Joseph Smith. Um tanto quanto diferente de Asael Smith no tocante às habilidades e realizações, Solomon Mack não obstante revelou uma excelência moral que nada ficava a dever à herança da família Smith. Le-

vou uma vida difícil e perigosa como colonizador de fronteiras, soldado e marinheiro em duas guerras, comerciante, mercador e fazendeiro. Sòmente no fim da vida, veio a sentir-se em harmonia com o Senhor, quando, prostrado fisicamente e humilhado espiritualmente, falou de um modo sincero sòbre a revelação pessoal.

Solomon não se destacou pelo brilhantismo, mas sim por sua tenacidade obstinada em face de dificuldades assoberbantes. O bibliófilo encara sua autobiografia como a "carreira de um filho iletrado da Nova Inglaterra com seus numerosos e infortunados altos e baixos."¹⁸ Mas um biógrafo judicioso verá o heroísmo do indivíduo decidido a não fraquejar diante de reveses incomuns. Fadado à vida de servo contratado devido ao súbito empobrecimento dos pais, Solomon foi explorado como trabalhador menor, sem o benefício de qualquer instrução religiosa ou secular. Libertando-se dessa servidão após a maioridade, lançou-se nas perigosas lutas da guerra contra os franceses e índios. Em sua narrativa militar, Solomon descreve com modéstia, porém especificamente, as fadigas, doenças e o embrutecimento dos homens. Dois incidentes, porém, (no setor do Lago George Champlain) fazem ressaltar favoravelmente seu caráter contra o sombrio cenário da guerra. Durante a tarefa de transporte de equipamento militar com auxílio de parelhas de bois, repentinamente, viu-se frente a frente com um pequeno grupo de guerreiros índios. Estando desarmado e na companhia de apenas um homem, Solomon não viu "outra saída para salvar-se do que enganá-los com um estratagema". Chamando em alta voz

seu companheiro e a suposta escolta que o seguia, lançou-se a impetuoso ataque.

"Como arma, dispunha sòmente de um bastão, mas, mesmo assim, corri na direção deles; quando surgiu em cena meu companheiro, assustaram-se tremendamente e sumiram de vista. Mas sou obrigado a confessar que, de minha parte, também foram pernas para que te quero."¹⁹ Seu neto-profeta que possuía essa mesma bravura e auto-confiança, repetiu tal episódio em Nova York, dispersando um grupo de desordeiros que ameaçava sua casa, sem outra arma que não o mero sangue frio.

O segundo episódio de guerra revela sua capacidade de sacrificar-se pelos outros. Pouco após um malogrado ataque frontal a Ticonderoga, Nova York, que custara muitas perdas, uma patrulha de defesa das tropas americanas caiu numa emboscada. Solomon Mack marchava na vanguarda, com a companhia de Israel Putnam, e suportou o impacto inicial do ataque em que êste foi capturado (embora sobrevivesse miraculosamente). No dizer de Solomon, "os inimigos surgiram atirando como uma nuvem... As machadinhas de combate dos índios e as balas zuniam em tórno das minhas orelhas qual saraivada..."²⁰ Nessa ocasião, a sobrevivência dependia de imediata retirada e reagrupamento. Empregando tôdas as suas forças na fuga, Solomon atrasou-se para salvar uma vida alheia com o risco de perder a própria: "Enquanto corria, olhei um pouco para o lado vi um homem ferido sendo quase alcançado pelos índios, mas, com a minha ajuda imediata, conseguiu entrar no círculo."²¹ Seguindo a testemunha ocular, Major Ro-

gers, comandante-adjunto, o "vigor e a determinação" dos americanos frustrou aquêle ataque inesperado²², um feito esplêndido, compartilhado por Solomon Mack.

Ainda que aleijado devido a acidentes, Solomon serviu na revolução em terra e no mar, sendo neste na qualidade de corsário. Os proventos dos tempos de guerra e lucros como civil foram gastos em épocas difíceis e reveses. Sua situação financeira também não era favorecida por sua generosidade, pois o fato de tornar-se "fiador de diversas pessoas..."²³ contribuiu para agravar sua pobreza. Êle escreveu sua autobiografia quando já idoso (seu neto Joseph tinha uns seis anos). Numerosos acidentes, enfermidades e infortúnios haviam-no humilhado, levando o idoso e ponderado Solomon a buscar o Senhor em oração, e êle desejava compartilhar a grande fé que encontrara. Prestou testemunho de que fôra curado tanto física quanto espiritualmente. A própria história de suas dificuldades foi narrada para mostrar que Deus o tinha humilhado, a fim de ensiná-lo. Então "tudo pareceu nôvo e maravilhoso. Oh, como amava meus conhecidos; como amava meus inimigos — tinha vontade de orar por êles. Tôdas as coisas pareciam-me delectáveis; o amor de Cristo é maravilhoso."²⁴

Ao rever sua vida, Solomon Mack implorava aos pais que proporcionassem a seus filhos a orientação moral da qual fôra privado na juventude. "Um pequeno aviso quanto à maneira de educar seus filhos à vista do Senhor. Nunca lhes peçam que façam alguma coisa acima de suas forças, nem lhes prometam nada que não pretendam cumprir. Dêem um bom exemplo no falar, fazer e agir."²⁵ Em-

bora houvesse sido tardia sua instrução religiosa, durante a vida inteira Solomon Mack foi um exemplo de virtude e criou um punhado de filhos e filhas extraordinários. Tanto a respeito de sua conversão, como na educação dos filhos, deu sincero crédito à espôsa, sua "única professora" de conhecimentos bíblicos.²⁶ No isolamento de uma fazenda de pioneiros, Lydia Gates Mack tomou a iniciativa de nutrir a mente e o espírito dos filhos:

"Além de instruí-los nos diversos ramos do conhecimento comum, ela costumava reuni-los de manhã e à noite, a fim de ensiná-los a orar, enquanto lhes inculcava a necessidade de amarem um ao outro, bem como o sentimento de devoção para com aquele que os criara. Dessa maneira,

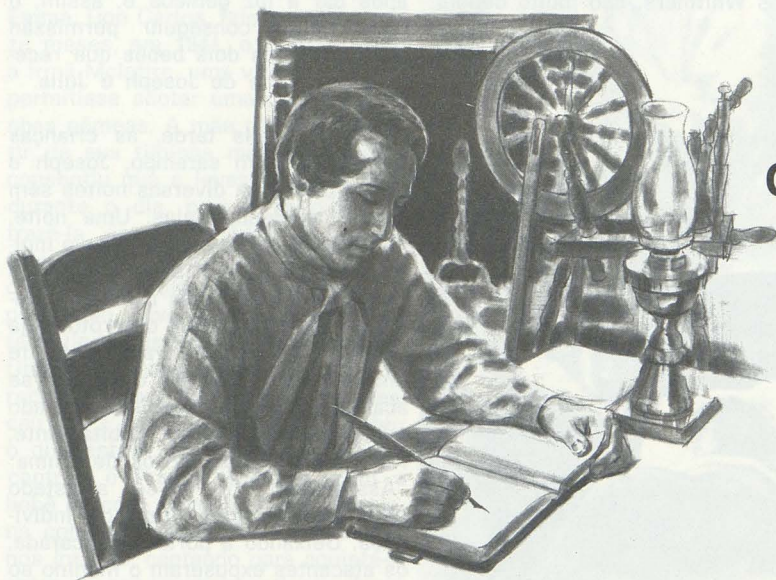
meus primeiros filhos adquiriram o hábito de piedade, benevolência e reflexão, o que contribuiu em muito para conduzir os que vieram mais tarde para o mesmo caminho ditoso."²⁷

Tendo identificado assim as convicções de Asael Smith, Solomon Mack e suas respectivas espôsas, temos elementos para entender Joseph Smith sob dois aspectos. Primeiro, os pais do Profeta, obviamente possuíam características formadas no lar paterno. Em segundo lugar, o Profeta teve algum contato direto com ambos os avós, que (conforme disse) o ensinaram a valorizar a liberdade pela qual haviam lutado. O mais importante, contudo, seus feitos e ideais eram abertamente respeitados e ensinados ao jovem Joseph Smith

pelos próprios pais. Quanto à sua avó Lydia Gates Mack, ela realmente "viveu com" sua família "durante algum tempo", antes de se mudarem para a região oeste de Nova York, em 1816. Tanto o Profeta como Lucy Mack Smith mencionam o fato de que ela os acompanhou no início da jornada para o Oeste. A cena de despedida foi a "derradeira admoestação" da avó a Lucy Mack Smith "que continues fiel no serviço de Deus até o final de teus dias, a fim de que eu possa ter o prazer de abraçar-te num outro mundo melhor."²⁸ Nenhum biógrafo bem informado poderá negar a comprovada exposição do jovem Profeta a profundos ideais e sensatos compromissos religiosos. A inteligente sinceridade dos avós de Joseph Smith contribui em muito para provar a dêle.

Referências

- 1832 Manuscript History, cit. Dean Jessee, "The Early Accounts of Joseph Smith's First Vision". *Brigham Young University Studies*, vol. 9 (Primavera de 1969) p. 279.
- Journal of Joseph Smith, mantido por Willard Richards, 9 de julho de 1843; também cit. de Joseph Smith, *History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints* (Salt Lake City, 1909) vol. 5, p. 498.
- Salem Gazette*, 22 de novembro de 1785.
- Vide George Waldo Browne (ed.), *Early Records of the Town of Derryfield, Now Manchester, N. H. Manchester Historic Association Collections*, vol. 8 e 9, referentes aos anos de 1779 a 1786.
- Vide registros territoriais de Orange County, Vermont. Town Records of Tunbridge, Vermont, micro-filmados, Biblioteca Genealógica, Salt Lake City, Utah.
- Carta de Asael Smith dirigida a Jacob Town, Tunbridge, Vermont, 14 de janeiro de 1796. A citação segue o texto original, de posse do Essex Institute, Salem, Mass., com apenas algumas pequenas correções de ortografia e pontuação nesta e demais citações do artigo. A primeira publicação no Oeste deve-se, evidentemente, a George A. Smith, *Deseret News*, 16 de julho de 1872.
- Ibid.
- Ibid.
- George A. Smith, 2 de agosto de 1857, no *Journal of Discourses*, vol. 5 (1858), p. 102.
- Carta de George A. Smith dirigida ao Dr. H. Gould, Salt Lake City, 31 de maio de 1870, p. 4.
- A. B. Grosh, "Universalists", I. Daniel Rupp (ed.), *An Original History of the Religious Denominations at Present Existing in the United States* (Philadelphia, 1844) p. 727.
- Joseph Fielding Smith, "Asael Smith of Topsfield, with Some Account of the Smith Family", *Historical Collections of the Topsfield Historical Society*, vol. 8 (1902), pp. 91-96.
- Ibid., p. 92. O original do texto cuidadosamente impresso concorda com todas as citações usadas.
- Ibid., p. 94.
- Ibid.
- Ibid.
- Cit. Edward W. Tullidge, *The Women of Mormondon* (New York 1877) p. 98.
- Louis Kaplan (ed.) *A Bibliography of American Autobiographies* (Madison Wisconsin, 1962), p. 188.
- Solomon Mack, *A Narrative of the Life of Solomon Mack*, (Windsor, Vermont. 1811), p. 6.
- Ibid. "Outro soldado recorda o súbito ataque dos índios..." "Narrative of Major Thompson Maxwell", *Historical Collections of the Essex Institute*, vol. 7 (1865) p. 100.
- 7 etaoin shrdlu cmfpâû vbgçqj xziãôâ
- Mack, *Narrative*, p. 6.
- Journals of Major Robert Rogers* (London, 1765), p. 118.
- Mack, *Narrative*, p. 17.
- Ibid., pp. 23-24.
- Ibid., p. 24.
- Ibid., p. 20.
- "Journal of Solomon Mack", cit. Lucy Mack Smith, *Biographical Sketches of Joseph Smith* (Liverpool, 1853), p. 19; também cit. Preston Nibley (ed.), *History of Joseph Smith by His Mother* (Salt Lake City, 1945), p. 6. Visto que Lucy Mack Smith é extremamente acurada em suas citações, é de se presumir que esta passagem acêrca de sua mãe, Lydia Gates Mack, que não aparece nas autobiografias publicadas de Solomon Mack, deve-se a uma versão manuscrita diferente, recebida de seu pai. Por diversas vezes, ela menciona que está citando "um esboço da vida de meu pai, de sua própria autoria", e "o diário de meu pai".
- Lucy Mack Smith, p. 69; também cit. Nibley, p. 62.



As Qualidades Humanas de Joseph Smith, O Profeta

Leonard J. Arrinston

O Profeta da Restauração tem sido retratado como filósofo, construtor de cidades, líder militar e visionário. Joseph Smith, divinamente designado a restaurar o Evangelho nesta dispensação, era um líder forte e engenhoso, mas também jovial e emocionante. Examinando a profusão de material informativo referente à sua vida, tem-se a impressão de que suas qualidades pessoais, bem como seus ensinamentos, desempenharam um papel proeminente na restauração.

O Dr. Arrinston é professor de economia e editor *Western Historical Quarterly* na Universidade do Estado de Utah, onde ensina desde 1946. É autor de vários livros e de aproximadamente cem artigos sobre a história mórmon e do oeste dos E.U.A. Recentemente desobrigado da presidência da Estaca da Universidade do Estado de Utah, vive na 10.^a ala de Logan, estaca Cache East.

Joseph Smith criou-se numa família em que reinava a unidade temporal e espiritual, exemplificando assim, por experiência própria, a importância da família para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo. Quem conheceu a família Smith e as memórias de Lucy Smith, mãe do Profeta, descreve exemplos típicos dessa solidariedade. Os familiares ocupavam-se na fabricação de xarope de bordo, saíam em grupos de dois ou três a trabalhar para vizinhos, sentavam-se ao pé do fogo, entretendo-se mutuamente com histórias verídicas ou imaginárias, e juntos, dirigiam-se a povoados próximos nos domingos, para o "culto religioso".

Alguns tocantes incidentes da vida do Profeta revelam seus cuidados

com os pais — seu choro apêlo para que a mãe deixasse o quarto, quando sua perna foi operada, a fim de que não fôsse obrigada a testemunhar seu sofrimento; seu regozijo por ocasião do batismo do pai, em 1830; suas intermináveis vigílias ao lado dos pais, quando enfermos; e a deferência com que ouvia as opiniões paternas.

"Bendita é minha mãe", escreveu em seu diário, "pois sua alma está sempre repleta de benevolência e filantropia... e bendito é meu pai, porque a mão do Senhor estará sobre êle." Que grande bênção, disse o Profeta em 1835, é dispor da companhia de pais "cuja maturidade em anos e experiência os capacita a oferecer os mais sábios conselhos". Mal acabava de se estabelecer nos diver-

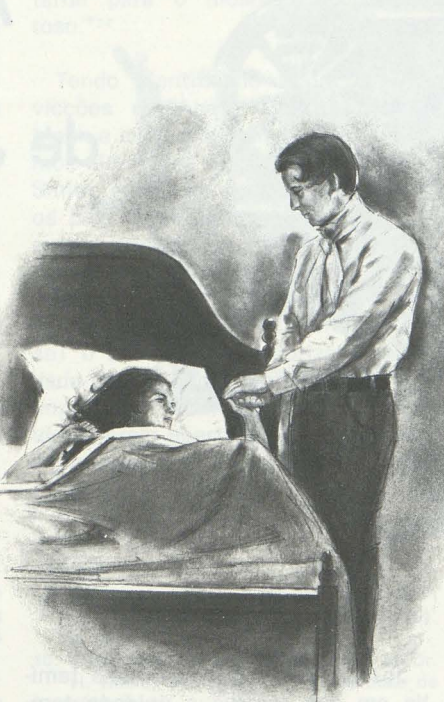
nos locais de concentração dos santos, ele providenciava a construção de uma moradia para os pais, a fim de que pudesse beneficiar-se de sua convivência e conselhos. Joseph tinha as prerrogativas paternas em alta conta e instruía os missionários a não batizarem jovens de menor idade, sem aprovação dos respectivos pais. Por exemplo, quando o Profeta conclamou "a fôrça de Israel a levantar-se para redimir Sião" em 1834, um adolescente, John Riggs, ofereceu-se para acompanhá-los, em oposição aos desejos dos pais. Joseph disse ao impaciente rapaz: "Volta para casa de teu pai e obedece-lhe até que tenhas vinte e um anos, e assim receberás tôdas as bênçãos prometidas aos que irão edificar Sião".

A profunda união da família de Joseph Smith Jr. revela-se no prestimoso e firme apoio que todos prestaram à causa da restauração e, particularmente, na íntima amizade entre Joseph e Hyrum. Os dois estavam quase sempre juntos, nenhum deles sentia-se completo sem o outro e, como disse Joseph: "Meu amor por Hyrum era mais forte do que a morte." "Quando e onde quer que se encontrassem, e por mais freqüente que fôsse," comentou William Taylor, um amigo da família, "era sempre com igual expressão de suprema alegria... ambos (êsses espíritos irmãos) estavam repletos, transbordantes, com o dom e poder do Espírito Santo!"

Por influência dêsse exemplo de amor e união familiar, o casamento de Joseph e Emma Hale, realizado em 1827, produziu um relacionamento caloroso e terno que perdurou até êle ser assassinado, dezessete anos mais tarde. Suas cartas para Emma (e as de Emma dirigidas a êle), seu diário particular e escritos oficiais — todos demonstram a devoção que Joseph dedicava à própria família e a dela por êle." Quando peço um pouco de pão e leite," contou a William W. Phelps, "minha mulher enche a mesa de tantas coisas gosto-

sas, que chega a destruir meu apetite."

Como acontece com qualquer casal, ocasionalmente o Profeta e Emma discordavam. Quando as desavenças tornavam-se mais sérias, os dois recorriam ao Santo Espírito. Certa manhã, durante sua estada com os Whitmers, não muito depois



do casamento, Joseph e Emma tiveram "uma discussão". Quando Joseph subiu ao pavimento superior, a fim de prosseguir com a tradução das placas, "tudo estava escuro". Então, o Profeta saiu para a mata e orou, depois voltou e pediu desculpas a Emma. Retomando seu trabalho, tudo correu bem com a tradução. Anos mais tarde, enquanto se preparavam para um desfile em homenagem a êles, Emma reclamou que o marido não estava vestido adequadamente para a ocasião. Joseph, então, deu-se o trabalho de vestir suas "melhores roupas".

O primeiro filho do casal, Alvah, faleceu em Harmony, Pennsylvania, enquanto Joseph se ocupava ainda na tradução das placas. A segunda gravidez de Emma resultou em gêmeos — Thaddeus e Louisa — que viveram somente umas três horas. O Profeta soube que, no mesmo dia, a mulher do Irmão John Murdock falecera após dar à luz gêmeos e, assim, o casal aflito conseguiu permissão para adotar os dois bebês que receberam o nome de Joseph e Julia.

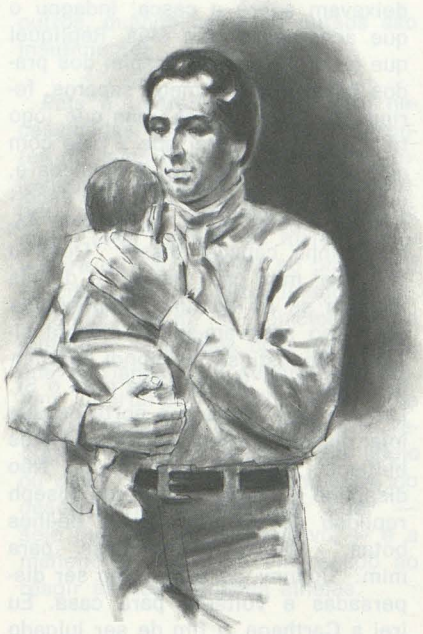
Quando, mais tarde, as crianças adoeceram com sarampo, Joseph e Emma passaram diversas noites sem dormir, cuidando delas. Uma noite, percebendo que a espôsa estava muito cansada, Joseph sugeriu que ela "fôsse deitar-se" com a menina, enquanto êle ficaria com o garôto, cuja condição era mais grave. Durante uns momentos em que o menino se acalmou, Joseph cochilou deitado numa cama de reserva. Súbitamente, foi acordado pelos gritos de Emma: "Assassinos!" e viu-se arrastado para fora por uma dúzia de indivíduos. Deixando a porta escancarada, os atacantes expuseram o menino ao frio intenso, provocando sua morte poucos dias depois. Júlia sobreviveu e alcançou uns cinqüenta anos de idade. Joseph tinha muito apêgo a Júlia, e em muitas de suas cartas para a espôsa, fazia menção de seu amor por ela.

A despeito de sua vida turbulenta, pontilhada de freqüentes ataques de ralé, encarceramentos, processos judiciais e outras dificuldades decorrentes de seu cargo de presidente da Igreja, Joseph ficou ao lado de Emma por ocasião da maioria dos partos. Mercy Thompson descreveu sua ternura: "Pude observá-lo junto ao leito de Emma, sua mulher, quando enfêrma, demonstrando tôda a solicitude e simpatia que sômente o mais terno coração e a mais amorosa das naturezas podem sentir." Durante seu longo encarceramento, em 1838-39, escreveu a Emma: "Êsses nossos pequeninos (Júlia, Joseph, Frederick e Alexander) são objeto de minha con-

tínua meditação. Diga-lhes que papai ainda está vivo. Deus permita que êle possa voltar a vê-los... Se eu não puder vê-la mais uma vez nesta vida — que Deus permita que isto não aconteça — possamos encontrar-nos nos céus... meu coração transborda."

Quando o sexto filho de Joseph e Emma, Don Carlos, faleceu aos catorze meses, em 1841, o Profeta pediu à Irmã McIntire, uma vizinha, que lhe permitisse adotar uma de suas filhinhas gêmeas. A mãe não quis desistir de sua filhinha mas, finalmente, consentiu que a levassem para casa durante o dia, com a condição de trazê-la de volta tôdas as noites. Mais tarde, Margarette McIntire declarou: "Êle cumpriu pontualmente o prometido, devolvendo-a pessoalmente e vindo buscá-la tôdas as manhãs. Uma noite, como não houvesse aparecido na hora habitual, mamãe desceu até a casa dêle, a fim de saber o que estava acontecendo, e lá encontrou o Profeta sentado, com o bebê no colo, envolvido numa pequena colcha de sêda. Êle o balançava nos joelhos, cantando para aquietá-lo antes de saírem, pois estivera choramingando. A criança logo se acalmou, quando minha mãe a pegou, e o Profeta acompanhou-as até em casa. Na manhã seguinte, ao ir buscar o bebê, mamãe entregou-lhe Sarah, a irmãzinha gêmea. Elas eram tão parecidas, que nenhum estranho conseguia distingui-las, mas êle imediatamente sacudiu a cabeça, dizendo: "Esta não é minha pequena Mary." Então, ela tirou Mary do berço e entregou-lha, após o que êle a levou (orgulhosamente) para casa... Depois que sua espôsa recuperou a saúde, êle não veio mais buscar nosso bebê, mas aparecia freqüentemente para... brincar com êle."

Joseph apreciava sua família. Em seu diário oficial, existem dezenas de referências semelhantes a esta de 27 de março de 1834: "Fiquei em casa e diverti-me muito com minha família." De fato, segundo George A. Smith, um parente distante, certa fa-



mília afastou-se da Igreja, porque, ao chegar a Kirtland vinda do Leste, Joseph desceu do quarto onde estivera traduzindo "pelo dom e poder de Deus" e começou a brincar e divertir-se ruidosamente com seus filhos. Na opinião dêles, isto não era conduta apropriada para um profeta.

O diário do Profeta menciona idas a concertos, teatro, espetáculos circenses com seus familiares, além de excursões de barco no Rio Mississippi. A família realizava freqüentes "reuniões familiares" ao pé da lareira, divertindo-se com brincadeiras, lendo e estudando junta. Sob a data de 8 de fevereiro de 1843, o Profeta registrou em sua história: "Às quatro da tarde, saí com o pequeno Frederick, a fim de exercitar-me, patinando no gelo."

Tais incidentes demonstram a calorosa personalidade do Profeta, sua

sociabilidade e bondosa atenção para com as necessidades e desejos alheios. Em Kirtland, conforme alguém recorda, ao chegarem carroções cheios de adultos e crianças das redondezas para as reuniões, "Joseph achegava-se a tantos carroções quanto possível, cumprimentando tôdas as pessoas com um cordial apêrto de mão. Tôda criança e bebê eram especialmente notados por êle, que os tomava pela mão com palavras gentis, dando-lhes suas bênçãos. Amava a inocência e pureza, parecendo encontrá-las em maior grau na criança balbuciante."

Evaline Burdick Johnson recordava-se de que, como criança, em Kirtland, sua mãe a pusera no chão, enquanto limpava a casa. A menininha, ouvindo uma voz masculina, olhou para cima e viu um homem alto, sorridente, subindo os degraus. Disse algo à mãe e esta o convidou a entrar. "Quando deu comigo," contou a menina, "tomou-me nos braços e atravessou o cômodo até um espelho grande. Ambos olhamo-nos através dêle. Depois, voltou-se, recolocou-me no chão e perguntou a mamãe onde estava meu pai. Após êle ter deixado a sala, mamãe chamou-me para junto de si e contou-me que aquêle era o Profeta do Senhor e um homem boníssimo."

Noutra feita, o Profeta chegou a certa casa para tratar de negócios, encontrando em lugar da pessoa procurada, uma criança sofrendo com uma inflamação da garganta. "Êle tomou-me no colo," contou essa criança mais tarde, "e gentilmente ungiu minha garganta com óleo consagrado, abençoando-me e eu fiquei curada. Não tinha mais dores nem inflamação."

O interêsse de Joseph pelos seus semelhantes e o cuidado com seu bem-estar eram sentidos por quase todos. Mesmo como adulto, ainda apreciava grandemente as competições esportivas; com freqüência, tomava parte em provas de luta livre, de "puxar bastão" e exercícios se-

melhantes com os jovens. Circulava entre o povo "sem nenhuma reserva", freqüentemente divertindo seus companheiros com piadas e "colocava-se no mesmo plano do mais humilde e pobre de seus amigos; para êle ninguém era um estranho." Como acontecia com os demais oficiais da Igreja, muitas vêzes êle executava trabalho braçal, havendo numerosas referências em suas anotações sôbre escavar valetas, carregar a bagagem de passageiros recém-chegados até a "Mansion House", colhêr maçãs, trabalhar no jardim, plantar batatas, carregar lenha e trabalhos semelhantes.

Noutra ocasião, Andrew Workman e mais alguns homens estavam sentados na cêrca, perto da casa do Profeta, enquanto êste conversava com êles. Nisto, chegou um indivíduo e relatou que a casa de um irmão bastante pobre, que vivia a certa distância da cidade, queimara-se durante a noite anterior. O grupo inteiro aparentou pesar, dizendo o quanto sentia o acontecido, mas "Joseph meteu a mão no bôlso, de onde tirou cinco dólares e disse: "Meu pesar por êsse irmão chega a cinco dólares; até quanto chega o de vocês?"

Pouco antes de seu martírio, o Profeta aguardava alguns membros da Legião Nauvoo que haviam sido chamados à cidade para proteger o povo. Estivera chovendo e as estradas estavam péssimas. Exceto oito, todos os setenta e cinco homens estavam a pé, sendo que, em certos lugares, a água chegava-lhes à cintura. "Alcançamos Nauvoo pela madrugada," diz o narrador, "e acampamos defronte à ampla casa de tijolos de Foster, perto do templo. Nossos equipamentos foram deixados na rua lateral. Enquanto eu estava ali de guarda, o Profeta Joseph chegou a cavalo até junto do tronco, estendeu-me a mão, pedindo notícias de meu tio e tia. Segurando-me pela mão, fêz com que eu subisse no tronco e, virando o cavalo de lado, foi-me puxando passo a passo até a extremidade; ao ver as marcas de sangue que meus pés

deixavam sôbre a casca, indagou o que acontecera com êles. Repliquei que o duro e cortante capim dos prados havia lanhado meus sapatos, ferindo também os pés, mas que logo ficariam bons. Notei que a mão com que tocou o rosto estava molhada e, erguendo os olhos, vi lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Pousando-a sôbre minha cabeça, disse: "Deus o abençoe, meu caro rapaz," e depois indagou se os demais componentes do grupo achavam-se na mesma situação angustiosa. Respondi que parte dêles, sim. Voltando-se para o Sr. Lathrup, que chegara à porta de sua loja, disse: "Forneça sapatos a êstes homens". Lathrup respondeu: "Não disponho de sapatos", ao que Joseph replicou de pronto: "Então dê-lhes botas." Depois, voltando-se para mim: "Johnny, as tropas vão ser dispersadas e voltarão para casa. Eu irei a Carthage, a fim de ser julgado sob a proteção fornecida pelo governador." Então, inclinando-se em minha direção, colocou a mão sôbre minha cabeça e acrescentou: "Não tema, pois você ainda verá Israel triunfar em paz."

Êste caso final ilustra a capacidade de calmo heroísmo de Joseph. "Uma noite, no verão de 1837, dois forasteiros chegavam à pequena cidade de Painesville, no norte de Ohio, parando na casa de um amigo para jantar. Mal haviam terminado a refeição, ouviram um distúrbio do lado de fora, onde se juntara uma multidão com intenções hostis, conforme logo ficou provado pelos gritos irados e ameaças de morte e a intimação ao dono da casa, para que entregasse seus hóspedes. Êste, entretanto, em lugar de obedecer, sacrificando seus amigos, fê-los sair por uma porta dos fundos, ajudando-os a desaparecer na escuridão. Tão logo a fuga foi notada, mandaram homens a cavalo percorrer a estrada que julgavam houvessem escolhido, além de acenderam fogueiras, distribuíram sentinelas e vasculharem os arredores. Os dois homens foram suficientemente cautelosos para não seguirem a estrada real; atravessan-

do bosques e pântanos, contornaram-na, guiando-se um pouco pelas fogueiras acesas. Não demorou muito, um dêles começou a fraquejar — o medo e mal-estar haviam-lhe roubado as fôrças. Seu companheiro, então, teve que decidir entre deixá-lo para trás, para ser capturado pela turba sanguinária, ou arriscar-se ainda mais, socorrendo o companheiro. Escolhendo a segunda alternativa, colocou o homem sôbre seus ombros vigorosos, carregando-o através dos pântanos e da escuridão, com raros descansos. Horas mais tarde, emergiram, afinal, na estrada deserta e em breve estavam em segurança. Êsse homem cuja devoção ao amigo o levou a executar tal sacrifício e cujas fôrças permitiram-lhe levá-lo a cabo foi Joseph Smith."

Joseph Smith foi um profeta, presidente da Igreja, homem de negócios e político. Mas sua vida também ilustra o supremo alvo da restauração — voltar o coração dos mais velhos às crianças e o coração de crianças e jovens aos seus maiores. As crenças teológicas corretas foram uma facêta indispensável da restauração, mas unicamente a união de famílias e gerações poderia prover a espiritualidade individual e coletiva exigida pela restauração do Evangelho.

Referências:

As narrações, histórias e citações reproduzidas neste artigo foram extraídas das seguintes fontes: Joseph Smith Papers, Manuscript Section, Church Historian's Library Archives, Salt Lake City, Utah, Lucy Smith, **Biographical Sketches of Joseph Smith the Prophet** (Liverpool and London, 1853); "Recollections of Joseph Smith the Prophet," **Juvenile Instructor**, vol. 27 (1892); **History of the Church...** (2 vol., Lamoni, Iowa, 1897); **Joseph Smith, History of the Church** (6 vols. Salt Lake City, 1901); Lucy Walker Kimball, "Autobiography", **Woman's Exponent**, vol. 39 (Novembro de 1900); "Incidents in the Life of Joseph Smith the Prophet", **Young Woman's Journal**, vol. 11 (Abril de 1900); "Joseph Smith the Prophet", **Young Woman's Journal**, vol. 16 (Dezembro de 1905) e vol. 17 (Dezembro de 1906); John Henry Evans, **Joseph Smith an American Prophet** (New York, 1933); e Edwin F. Parry, **Stories About Joseph Smith** (Salt Lake City, 1936). Agradeço as sugestões e o auxílio de LaMar C. Berret, Dean Wengreen e Ace S. Pilkington.

Não me ajude, mamãe, quero fazê-lo sozinha", foi o comentário de uma garôta de seis anos, cuja mãe tentava ajudá-la a amarrar o cordão dos sapatos. Esse desejo de fazer as coisas por si só, de ter competência suficiente para alcançar ou realizar alguma coisa com sua própria destreza, sem depender da ajuda alheia, surge muito cedo na vida de quase toda criança.

"Mamãe, não consigo fazê-lo. A senhora precisa ajudar-me." Outro comentário da mesma garotinha, que agora tenta recortar figuras com um instrumento desajeitado chamado tesoura. Esta mesma criança também precisa contar com alguém, depender de outra pessoa, quando em dificuldades e necessitando de assistência.

Estas duas correntes opostas parecem existir em todos nós — a necessidade de ser livre, independente e capaz de fazer coisas por si só, e a necessidade de ser dependente, de ter o direito e o luxo de recorrer aos

outros, quando nossos recursos são insuficientes.

Pais e líderes observam tais necessidades aparentemente conflitantes em seus filhos e liderados e, dependendo da compreensão de si próprios e das pessoas que devem guiar, eles reagem de maneira que poderá ou não resultar no progresso da criança ou do subordinado, beneficiando, assim, o relacionamento mútuo. É da pessoa com autoridade que a criança ou o subordinado tentam libertar-se e demonstrar sua competência e é a ela que eles recorrem, quando precisam de apoio ou ajuda. O aspecto fundamental no desempenho de qualquer líder — seja pai, bispo ou executivo — é a maneira e o método empregado ao reagir às necessidades alheias.

O estilo de conduta de alguns pais reforça e sustenta a dependência dos filhos, o que, a longo prazo, resulta na incapacidade deles de tomarem decisões próprias. Citemos como exemplo o caso de Jane N., que já está cursando o segundo ano da faculdade. Ela costuma telefonar aos pais pelo menos três vezes por semana, a fim de consultá-los sobre seus estudos, o que pretende comprar e atividades das quais deseja participar. Sente-se apreensiva e insegura, quando tem que tomar uma decisão, antes de falar com o pai e a mãe. Estes mostram-se abertamente satisfeitos com a conduta da filha, contando aos amigos, com orgulho, que Jane é uma jovem verdadeiramente caseira que ama seus pais — e não uma dessas estudantes universitárias insubordinadas. Apreciam que ela dependa tanto de sua opinião e telefone tão freqüentemente em busca de conselho. Sentem-se necessários e importantes, imensamente satisfeitos com o tipo de relacionamento com a filha.

Este exemplo ilustra alguns dos elementos de uma relação formadora

Interdependência: Meta Familiar e da Igreja

William G. Dyer

Trabalho em conjunto — o emprêgo cooperativo ou colaborativo dos recursos individuais — isto é interdependência.



de profunda dependência. As pessoas em posição de autoridade (neste caso os pais) utilizam a pessoa subordinada (a filha), para satisfazer grande parte de suas próprias necessidades. Provavelmente, ficariam indignados e magoados, se alguém sugerisse que estão sendo egoístas, pois êsse egoísmo, no sentido de auto-satisfação às expensas de outrem, não faz parte de sua motivação consciente. Mas, na verdade, estão sendo egocêntricos, porque, inconscientemente, têm preenchido mais suas próprias necessidades, sem consideração para com o futuro bem-estar da filha.

Há ocasiões em que a dependência é útil e legítima, em que a pessoa necessita de auxílio além de sua própria capacidade. Todos nós, às vezes, somos obrigados a depender de outros — de médicos, professores, conselheiros, técnicos, amigos, parentes — quando nos defrontamos com situações impossíveis de ser

Dr. Dyer, diretor da recém-criada Seção de Comportamento Organizacional da Universidade de Brigham Young, autor de muitas obras sobre relações humanas, tem sido chamado como consultor de programas de treinamento para corporações nos Estados Unidos, supervisionando também programas semelhantes no Paquistão e Pôrto Rico. Ocupa no momento o cargo de assistente do superintendente da Escola Dominical da Ala 8 de Edgemont, Estaca Sharon Leste.

resolvidas por nossos próprios recursos. Mas a dependência torna-se incapacitante, quando a pessoa não procura desenvolver suas aptidões, ou subir a uma posição de colaborador com a pessoa em posição de autoridade, aceitando automaticamente que não poderá fazer nada sem orientação, apoio e influência alheia.

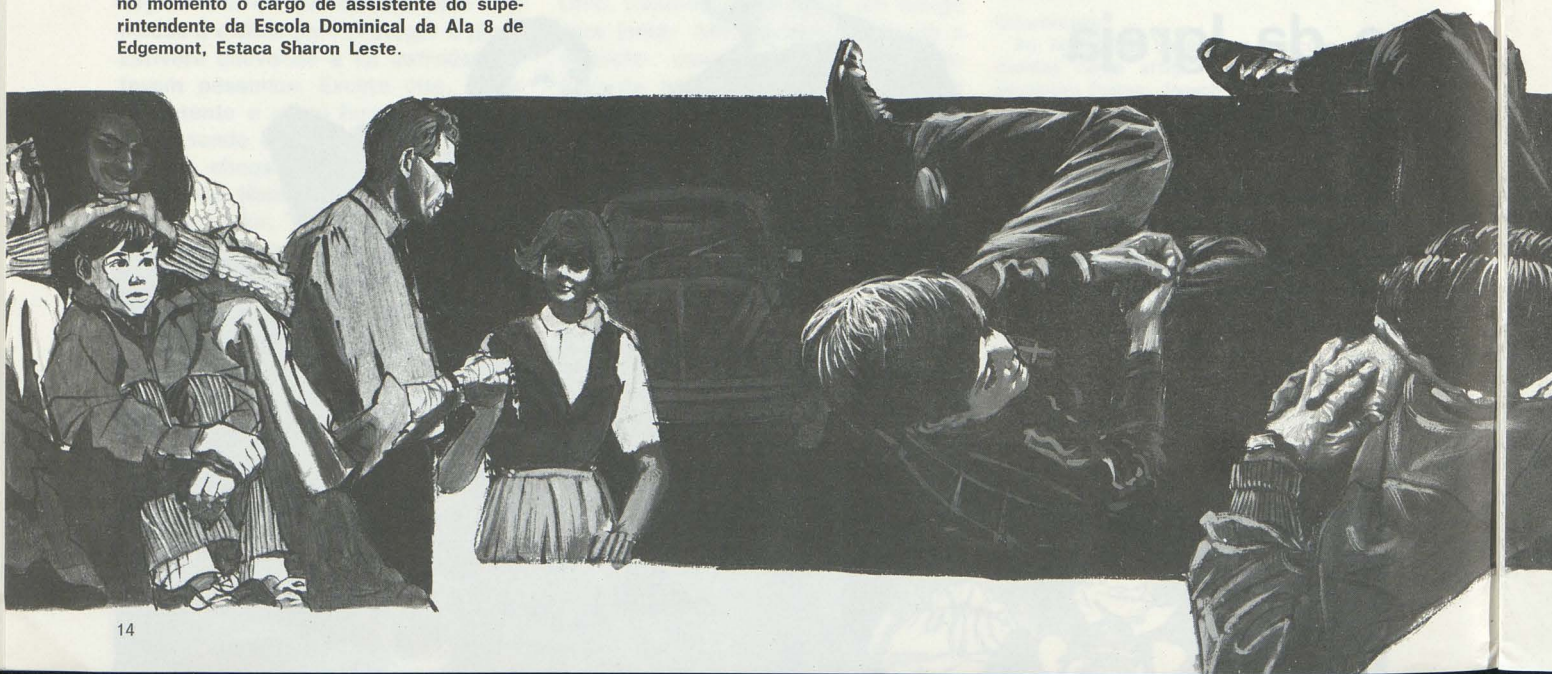
Todos os seres humanos iniciam a vida de uma posição de quase total dependência de outros. Fazer a criança desenvolver-se e abandonar essa dependência total é responsabilidade dos adultos que ocupam posição de autoridade sobre ela. Como usar a autoridade visando ao crescimento alheio é o maior desafio de todos os pais e pessoas em posição de autoridade.

Freqüentemente, tais pessoas passam a preocupar-se com objetivos errados — pais que desejam filhos apenas bem comportados; professores que fazem questão apenas de classes silenciosas ou de alunos que farão e dirão somente o que êles mandam; administradores que desejam auxiliares absolutamente submissos, sem opinião própria. Uma

das maneiras de atingir êsses objetivos é criar a dependência alheia deliberada ou inconscientemente. É interessante notar que muitos desses líderes nunca se dão conta de que parte do problema é por êles provocada, pois, muitas vezes, comentam tristemente: "O que nos falta são mais pessoas de iniciativa, que não fiquem sentadas por aí, esperando que se lhes diga o que fazer."

Na outra corrente comportamental, encontramos o desejo de ser livre, de "deixe-me fazê-lo sozinho". Algumas pessoas têm postulado, como o fez o filósofo inglês Thomas Hobbes, que, pela natureza básica do homem, cada um está em luta com os demais, na tentativa de forjar seu mundo centralizado no próprio ego. Quando, de fato, cada um faz o que quer, sem levar em conta seus semelhantes, surge a anarquia.

Ao notarem tais tendências nos filhos, os pais freqüentemente procuram reprimir, reduzir ou modificá-las. A criança não quer partilhar seus brinquedos com as outras, mas os pais querem que o faça. A criança



deseja ficar correndo pela capela durante a Escola Dominical, enquanto os adultos esperam que fique quieta; ela não quer comer certos alimentos, mas a mãe deseja ver o prato limpo.

Parece existir uma luta sutil (e, às vezes, não tão sutil assim) entre os adultos que pretendem canalizar ou controlar, e as crianças que desejam ser independentes e fazer o que lhes agrada. Eis a luta básica subjacente à contra-dependência. Algumas pessoas deixam-se enredar por um padrão de resistência à autoridade, despendendo muito tempo e energia à procura de meios de resistir à influência de seus superiores. Sempre conseguem descobrir uma razão pela qual os desejos da pessoa em posição de autoridade não podem ou devem ser obedecidos, e passam a demonstrá-lo, tentando fazer com que isto se torne realidade.

Eventualmente, essa reação negativa é resultado da falta de habilidade do superior, seja ele pai, professor, chefe ou líder. Talvez este se dirija ao subordinado de maneira um tanto superior, roubando ao indivíduo sua dignidade pessoal. Muitas vezes, não há margem para pergun-

tas, debate ou diálogo — os pais querem que o filho obedeça “sem argumentos”. Uma atitude assim provoca forte reação de rebeldia em muitas pessoas.

Certos líderes parecem criar deliberadamente situações que levam o subordinado a questionar ou resistir, para que possam “mostrar quem é o chefe”, obtendo, assim, a satisfação íntima de dominar outro ser humano. Acêrca do emprêgo e abuso da autoridade, o Senhor nos declara:

“... quando tentamos encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer contrôle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem.

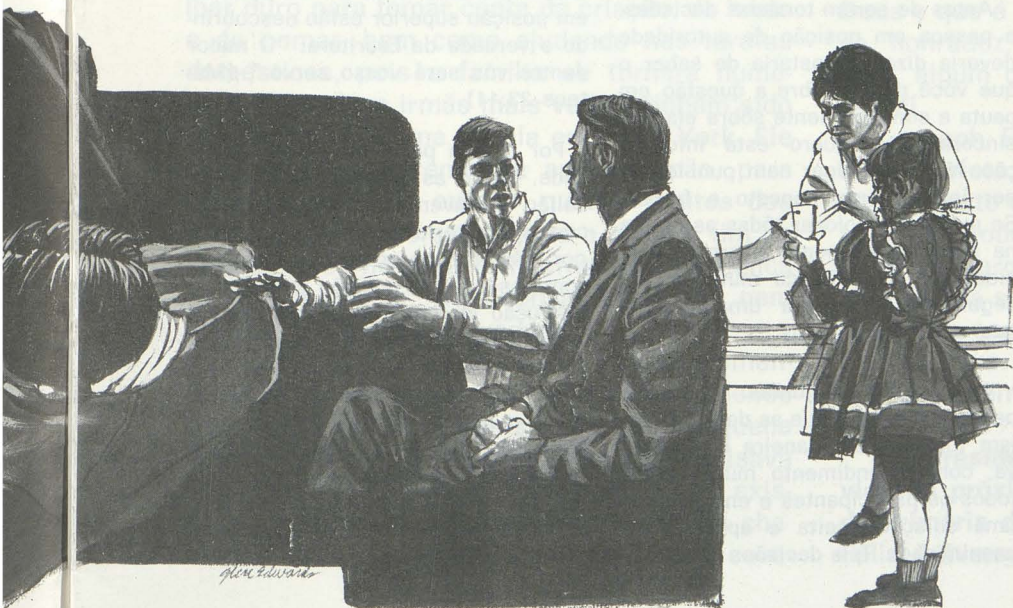
“Nós aprendemos por experiências dolorosas que é da natureza e disposição de quase todos os homens, que tão depressa adquirem um pouco de autoridade, como supõem, logo começam a exercer injusto domínio.

“Por isso, muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.” (D&C 121: 37, 39, 40).

Mas, nem por isso deve-se presumir que, sempre que houver resistência e reação, a culpa cabe à pessoa em posição de autoridade. Esta poderá agir de maneira perfeitamente apropriada, mas o subordinado sente-se tão predisposto a ressentir-se e rebelar-se contra qualquer autoridade, que, independente da conduta de seu superior, sempre reage negativamente. Isto, às vezes, significa que, a fim de atingir-se um nôvo e melhor nível de interação, tanto o subordinado quanto o superior precisam reexaminar suas atitudes e conduta para lograrem uma mudança.

A espécie de relacionamento desejável e perfeitamente possível entre autoridade e subordinados é denominada interdependência — o uso cooperativo ou colaborativo dos recursos de tôdas as partes. A independência não é usada, pois ela sugere que o subordinado se liberta da autoridade, e trilha seu próprio caminho. A independência não é a conduta mais eficiente no mundo de hoje, seja na família, na escola, na igreja, nos negócios, na organização governamental, na comunidade, nação ou mundo. Somos interdependentes por necessidade, embora, infelizmente, a maior parte do povo não a tenha aprendido com os outros. O Evangelho, os escritores e pesquisadores no campo do comportamento humano nos ensinam que as seguintes ações tomadas pelas pessoas ocupando posição de autoridade conduzirão a uma maior interdependência:

1. Amor e Consideração. Tôda pessoa subordinada precisa sentir que seu superior a considera como indivíduo e não apenas quando faz o que é mandado. Disse o Salvador: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15). Ele não



disse: "Eu não vos amarei a não ser que guardéis meus mandamentos."

O amor ao indivíduo é incondicional, ainda que não gostemos de algumas de suas ações. Um número por demais elevado de pais e outras autoridades apresentam o amor condicional como a base do relacionamento: "EU o amarei somente se fizer o que eu quero, se depender de mim e preencher minhas necessidades." Uma base assim levará à dependência ou à rebelião.

Os pais precisam dar-se ao trabalho de conversar sobre seus sentimentos de amor e preocupação com os filhos, assim como o bispo com os membros da ala, o patrão com seus subordinados. É necessário compartilhar os sentimentos d'alma, não importa quão embaraçoso ou difícil possa ser. E isto precisa ser feito **agora**. Adiar apenas piora os aspectos negativos de um relacionamento.

2. Confiança. As pessoas em posição de autoridade devem começar a demonstrar mais fé e confiança naqueles que dirigem. Os pais precisam ter confiança que os filhos tomem decisões corretas, como dar-lhes também tal ensejo. A autoridade receosa teme que os subordinados cometam enganos, ou que não façam as coisas da sua maneira e, por isso, fica rondando, vigiando, verificando, e acabam sentindo-se os outros como a garotinha de seis anos às voltas com o cordão do sapato.

Quando perguntaram a Joseph Smith como governava os santos dos últimos dias, êle respondeu: "Eu ensino princípios corretos ao povo e êle governa a si mesmo." (John Taylor, *Journal of Discourses* 10:57-58). No relacionamento interdependente, o ensino de princípios corretos é fundamental — isto é, a principal tarefa do superior. Após ter ensinado os princípios, deve confiar que os outros prossigam e governem a si mesmos, em colaboração com a

autoridade, contudo, sem por ela serem controlados e vigiados.

3. Comunicação Irrestrita. Um ingrediente vital é o livre intercâmbio de informações. Toda comunicação exige que haja um emissor e um ouvinte, além de haver entendimento entre ambos. Na interdependência, tanto os superiores como os subordinados, têm oportunidade de emitir e de escutar. Não é um sistema de comunicação unilateral, em que a autoridade fala e os outros devem apenas escutar. A fim de nos comunicarmos, é preciso que partilhemos o que pensamos e o que sentimos. Sobre quase todos os assuntos ou questões, as pessoas têm conceitos, idéias ou pareceres, bem como sentimentos. Se procuramos a verdadeira compreensão, devemos partilhar os mesmos tipos de elementos.

Muitos pais quase nada compartilham de seus sentimentos ou idéias com os filhos. Dar instruções, ordens ou determinações **não** significa compartilhar. O diálogo precede à tomada da decisão final — é um processo de se exporem abertamente pensamentos e modos de sentir, para que se possa chegar a uma decisão acertada.

Antes de serem tomadas decisões, a pessoa em posição de autoridade deveria dizer: "Gostaria de saber o que você pensa sobre a questão em pauta e como se sente sobre ela. Eu, sinceramente, quero esta informação. Não vou julgar nem puni-lo por ser inteiramente honesto e franco. Se pudermos colocar tôdas as cartas na mesa e realmente tivermos consideração e confiança mútuas, conseguiremos encontrar uma solução que satisfaça a todos."

4. Decisões Conjuntas. A interdependência requer que as decisões sejam tomadas de maneira colaborativa, com entendimento mútuo entre todos os participantes e encontrando uma solução aceita e apoiada por unanimidade. Tais decisões nem sem-

pre precisam ser meio a meio, no sentido de que cada pessoa exigirá parte igual em tôdas as coisas e ocasiões. Eventualmente, o pai poderá dizer: "Filho, você entende mais de carros do que eu; deixá-lo-ei tomar a decisão que será apoiada por mim." Em outras ocasiões, o filho responderá da mesma forma ao pai, e surgirão outras ainda em que os dois terão que escutar um ao outro, e encontrar uma solução que ambos possam aceitar e executar.

5. Ação Conjunta. Interdependência significa trabalharem juntos. Executar decisões tomadas requer que as pessoas trabalhem em conjunto. Quantas famílias há em que os pais dizem aos filhos o que fazer — pressionam, controlam ou punem até que a criança faça o que exigem. Deveria haver mais tarefas planejadas e executadas em conjunto, em que todos experimentam o prazer do trabalho em equipe, o resultado do esforço colaborativo.

As vezes, o trabalho requer esforço individual, porém será muito mais satisfatório, se puder ser partilhado com outros. Se a pessoa em posição de autoridade se preocupa com sua condição ou "imagem", talvez prefira não trabalhar com seus subordinados; entretanto, mais e mais pessoas em posição superior estão descobrindo a verdade da Escritura: "O maior dentre vós será vosso servo." (Mateus 23:11).

Por toda a parte em nossa sociedade, vemos as conseqüências da rebelião da juventude. Esta se rebela contra a autoridade em si ou, então, por não ter aprendido a trabalhar com pessoas em posição superior. A instrução de como colaborar na solução de problemas e trabalhar em equipe deve ser dada no lar. Isto não significa que os pais deixem os filhos fazer o que bem lhes agrada, nem tampouco que êstes sejam escravizados aos caprichos paternos; é antes uma sólida condição de esforço mútuo, baseado em amor, consideração e confiança.

Presidente Joseph Fielding Smith

Edith S. Patrick

Noventa e quatro anos atrás, uma encantadora mãe possuía três filhinhas queridas, mas desejava ansiosamente ter também um filho. Sentia profundo amor pelo Pai Celestial, crendo sinceramente no poder da oração. Orou ao Senhor, prometendo-lhe que, se viesse a ter um filho, faria tudo ao seu alcance a fim de que êle se tornasse motivo de orgulho para o Pai Celeste e seu pai terreno. Ao nascer seu quarto bebê, um menino, ela soube, com tãda a certeza, que se tratava de um ser especial e que viera em resposta às suas orações. Recebeu o nome de seu pai, Joseph Fielding Smith e, realmente, provou ser uma pessoa tãda especial em muitos aspectos.

Excelente aluno por natureza, gostava de ler e estudar desde o tempo em que aprendeu as primeiras letras. Antes de atingir dez anos de idade, já havia lido duas vêzes o Livro de Mórmon. O pai, chamado a fazer missão uma após outra, ficava fora do lar a maior parte do tempo. Joseph e seus irmãos tinham de trabalhar duro para tomar conta da criação, da horta e do pomar, bem como ajudando nas tarefas domésticas, pois a família se tornara numerosa. Suas duas irmãs mais velhas tinham sido mandadas para uma escola em Nova York. Êle chegou até a aprender a amassar pão, para ajudar a mãe. No outono, quando muitos dos homens e rapazes saíam para a caça, a fim de estocar a carne para o inverno. Joseph nunca os acompanhava. Não conseguia matar nem mesmo um animal selvagem.

Como sua mãe era médica, freqüentemente era obrigada a sair durante a noite, cabendo a Joseph a tarefa de atrelar o cavalo à pequena charrete de um só lugar, quando ela precisava atender um enfêrmo. Naquele tempo, não existiam telefones nem automóveis, e muitos chamados eram transmitidos por homens a cava-

lo, de bicicleta ou, muitas vêzes, percorrendo longas distâncias a pé. A Irmã Smith estava sempre de prontidão e disposta a auxiliar quem dela precisasse.

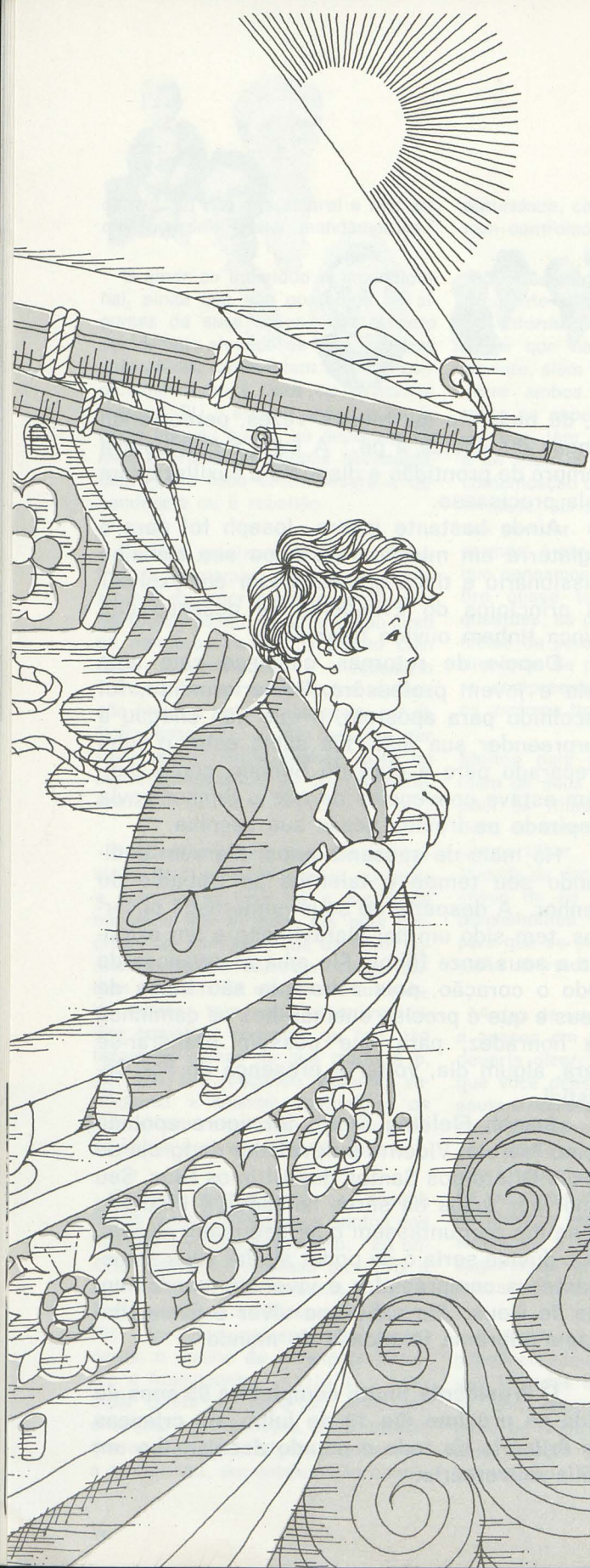
Ainda bastante jovem, Joseph foi para a Inglaterra em missão. Apreciou seu trabalho missionário e tinha grande prazer em explicar os princípios do Evangelho às pessoas que nunca tinham ouvido falar dêle.

Depois de retornar, casou-se com uma bela e jovem professôra. Posteriormente, foi escolhido para apóstolo, o que não chegou a surpreender sua mãe. Ela sabia estar o filho preparado para a obra do Senhor, como também estava convencida de que o Senhor havia inspirado os irmãos nessa sua escolha.

Há mais de sessenta anos, êle vem dedicando seu tempo e talentos ao trabalho do Senhor. A despeito de seus numerosos encargos, tem sido um pai maravilhoso e um exemplo a seus onze filhos. Êle ama as crianças de todo o coração, pois sabe que são filhos de Deus e que é preciso ensinar-lhes os caminhos da honradez, para que possam preparar-se para, algum dia, voltar à presença do Pai Celestial.

Joseph Fielding Smith foi agora apoiado como Profeta, Vidente e Revelador da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Seu amor por todos os sêres humanos é ilimitado e, se lhe perguntassem qual seu maior desejo, sem dúvida seria o de poder ajudar seus semelhantes a compreender e viver os mandamentos de Deus. Êle sabe que viver o Evangelho traz a suprema felicidade do mundo.

O Presidente Smith completará 95 anos de vida no próximo dia 19 de julho. As crianças da Primária de todo o mundo desejam-lhe um Feliz Aniversário.



Saindo pela escotilha, Jason C. Jones pisou o convés do navio que singrava o oceano, banhado pela clara luz do dia.

Ergueu os olhos para as enormes velas quadradas, enfunadas acima de sua cabeça. Em geral, o sol nascente as coloria de dourado, mas, naquela madrugada, havia nuvens escuras e pesadas, impedindo a passagem de seus raios.

O garôto andou a esmo entre caixotes e barris amarrados no convés e que pertenciam aos emigrantes. Estava à procura de seu amigo William Baxter, primeiro-pilôto do navio.

William dissera ao menino, pouco após a partida de Liverpool, Inglaterra, que estava contente em fazer a travessia com santos dos últimos dias a bordo.

"Os marinheiros sabem", dissera William com uma piscadela para Jason, "que os navios que transportam sua gente não costumam perder-se no mar."

Durante os longos dias da viagem, William conversara muito com o garôto, ensinando-lhe muitas coisas acêrca da embarcação. Explicara como funcionam as velas, chegando mesmo a permitir que Jason manejasse as menores chamadas **bujarrona** e **vela de estai**.

Uma Tormenta em alto Mar

Iris Syndergaard

Contou também o que o capitão fazia quando usava o sextante. "Está determinando nossa rota através do oceano," explicou William. "No mar, não existem estradas, nem tampouco marcos miliários. É preciso orientar-se pelo sol e pelas estrêlas."

Chegando à amurada naquela manhã, Jason agarrou-se a ela, aterrorizado. Nunca antes vira ondas enormes assim. Pareciam grandes montanhas esverdeadas separadas por profundos vales, avançando ameaçadoras e fazendo o navio subir e descer jogando perigosamente. Jason tinha dificuldade de manter-se de pé. Estava sèriamente assustado.

As grandes velas quadradas, fixas transversalmente no mastro principal, tornavam-se cada vez mais bojudas, com a fôrça crescente da ventania. As pessoas, começando a surgir no convés em busca de ar fresco após uma noite inteira entre as cobertas, ressentiam-se de sua fôrça. Jason viu a Sra. Perkins arrebANHAR as saias que esvoaçavam para todos os lados. A longa barba branca do Sr. Wilson parecia querer levantar vôo. A despeito de seu mêdo, êsses incidentes fizeram o garôto cair na risada.

Então, reparou que o pai foi falar com o Capitão Brown, e aproximou-se. Ouviu o capitão gritar:

— É melhor levar sua gente novamente para baixo, Êlder Jones. Esta que vem aí é p'ra valer!

Agarrando seu chapéu prêto com ambas as mãos, o pai de Jason começou a dirigir os passageiros de volta à escotilha. O menino observou William passando apressadamente pelo convés, com seu andar gingado.

— Posso ajudar? — gritou, correndo ao lado do marinheiro.

Pensava em quanto William lhe havia ensinado. Certa vez, até entraram na casa do leme onde deixara o garôto manobrá-lo — sò-

zinho! Poder segurar os grossos raios de madeira, sentindo o grande veleiro mover-se de baixo de suas mãos, fizera Jason sentir-se como um rei.

Agora o navio estava em perigo, e com êle, todos os passageiros e tripulantes! Jason preocupava-se com os velhos e os jovens casais com suas crianças — havia até um bebê nascido na véspera — que haviam abandonado sua terra natal, a Inglaterra, a fim de procurar um nôvo lar no Vale do Lago Salgado.

O garôto ouviu William gritar:

— Pega aquêle cabo, rapaz! Venha ajudar a rizar o velame!

Correu apressado pelo convés oscilante. Puxando com tôdas as suas fôrças a ponta de um dos cabos, Jason ajudou os marinheiros a rizar as velas. O vento soprava com violência, fustigando suas roupas. A forte chuva caindo enviesava, vergastava seu corpo que tremia de excitação e frio.

O Capitão Brown, postado no tombadilho de proa, firmando-se com as pernas bem abertas, apontou para cima, berrando a plena voz:

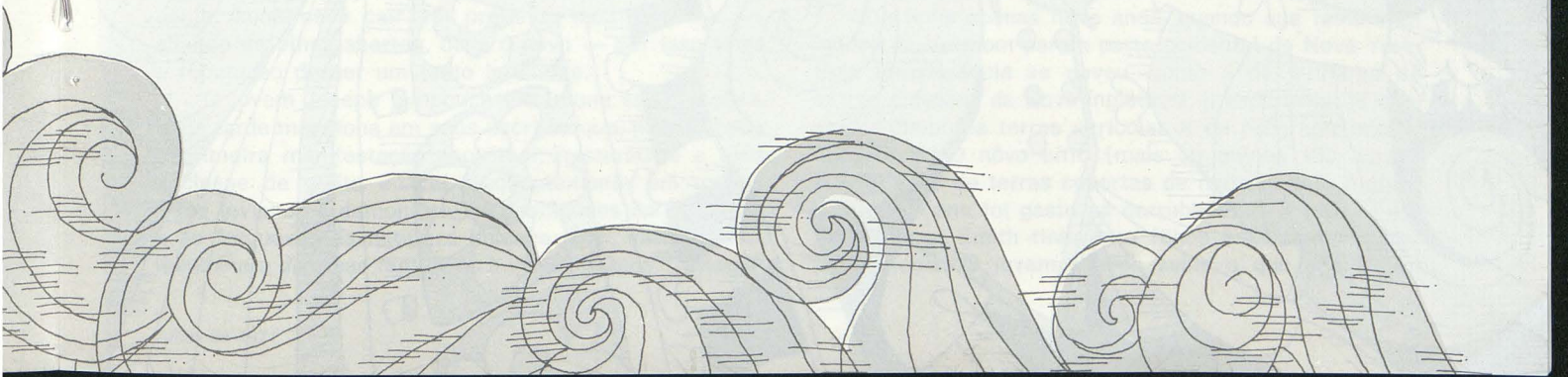
— Para cima, homens!

O menino mal conseguia acreditar no que ouvira, que aquêles homens eram mandados subir entre os altos cabos e cordame em meio de tal ventania! Jason viu as enormes velas pressionadas pela tormenta, sentindo sob os pés o navio saltar qual cavalo em disparada. Então, percebeu que os marinheiros tinham que obedecer às ordens do comandante; disso dependia a segurança do navio.

O capitão bateu no ombro de Jason e gritou:

— Vá dizer a seu pai que bem poderíamos valer-nos de uma oração especial!

Jason arrastou-se pela escotilha abaixo em plena escuridão — nenhum candeeiro ou vela poderia ficar aceso numa tormenta daquelas.



Embora soubesse que umas quatrocentas pessoas apinhavam-se entre as cobertas, não se ouvia ruído algum, exceto o rugir do vento e os incessantes golpes furiosos das ondas.

Então, vislumbrou o pai ajoelhado num círculo com outros homens. Jason sabia que já estavam fazendo a oração solicitada pelo Capitão Brown.

O menino retornou ao convés. Dobrando a cabeça para trás, viu a equipagem sustentando-se lá no alto entre o cordame sôbre os paus de carga fixados transversalmente no alto mastro. Os marinheiros empenhavam-se em amarrar as velas a êstes paus de carga. Como conseguiam evitar serem derrubados pelo vento dêsses paus oscilantes, enquanto prendiam a pesada lona açoitada pela ventania? Finalmente, as velas foram tôdas amarradas com segurança. Um a um, a equipagem desceu, escoregando pelos cabos e pulou no convés.

Repentinamente, Jason sentiu o piso fugir-lhe debaixo dos pés. O navio deslizava de lado, inclinando-se perigosamente enquanto descia, descia, até que Jason ficou certo de que nunca mais voltaria a endireitar-se. Uma onda enor-

me despencou sôbre o convés, encobrendo-o inteiramente com sua água esverdeada. Quando o navio lentamente voltou à posição normal, êle continuava lutando por respirar, meio asfixiado.

Enxugando a água que lhe entrara nos olhos, Jason olhou em tórno de si. O capitão estava imóvel, como também os marinheiros, de faces tensas de medo. Mas as ondas selvagens estavam começando a serenar. O vento ululante foi morrendo. Gradualmente, voltou-se a ouvir o calmo ranger do mastro e o chôro de uma criança abaixo do convés.

William Baxter exclamou, com respeitoso temor:

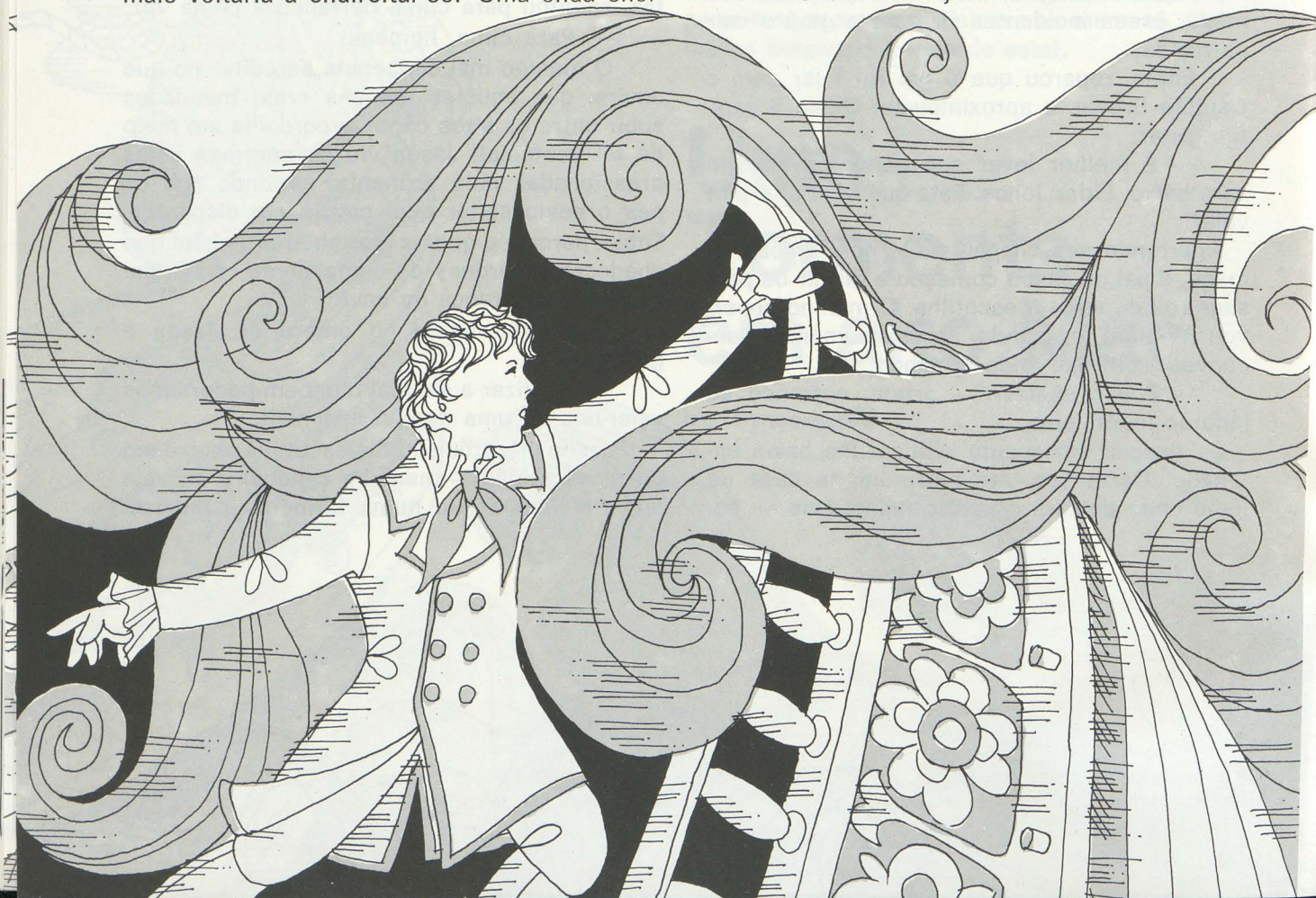
— A tormenta se foi!

O pai de Jason subiu ao convés com dois companheiros. O capitão dirigiu-se a êles, estendendo-lhes a mão.

— Em meus trinta anos no mar, — declarou, — jamais vi uma tempestade terrível como esta terminar tão depressa.

Depois, acrescentou solenemente:

— O Senhor seja louvado!





A 23 de dezembro de 1825, um vistoso americano de olhos azuis, cabelos castanho-claros e cêrca de 1,85 de altura, celebrava o vigésimo aniversário. Seu nome — Joseph Smith Jr.

Aquela era uma época fascinante de se viver para um mção de vinte anos. Nos Estados Unidos, o General Andrew Jackson, a quem mais tarde Joseph veio a considerar um dos maiores líderes americanos, perdera sua primeira campanha presidencial. O Canal Erie foi aberto, tornando-se o mais importante fator de progresso econômico desde a invenção do descaroçador de algodão.

Na América do Sul, as últimas repúblicas a conseguirem libertar-se da supremacia da Espanha, celebravam seu primeiro aniversário da independência. Nicolau I tornou-se czar da Rússia e o govêrno japonês, alarmado com a indesejável influência estrangeira, tentava expulsar quase todos os forasteiros.

O mundo de Joseph era muito diferente. Não obstante, muitos dos afazeres e problemas pessoais da época eram semelhantes aos dos jovens santos dos últimos dias da atualidade. Transpondo as décadas que nos separam daqueles anos, veremos que a vida na mocidade de Joseph Smith se assemelha muito à nossa.

Ao atingir os vinte anos, o Profeta já havia feito muitas coisas que pouca gente, antes ou depois dêle, já experimentara. Havia visto e falado com o Pai e o Filho; fôra visitado por anjos; encontrara e manuseara os antigos anais que se tornariam o Livro de Mórmon.

Entretanto, Joseph Smith ainda não atingira a perfeição. Possuía muitas falhas a superar. Uma delas era sua maneira de escrever — dizia sua mãe que a ortografia dêle era a pior de tãda a família. Como adolescente, costumava cair em profunda meditação — sonhando de olhos abertos, dizia o povo — por isso tinha a reputação de ser um tanto indolente.

O jovem Joseph tampouco era imune às tentações. Mais tarde menciona em seus escritos que, mesmo após a primeira manifestação espiritual, misturou-se a tãda a classe de gente e “caí freqüentemente em muitos erros levianos e demonstrei as debilidades da mocidade e as fraquezas da natureza humana; que, sinto dizê-lo, levou-me a diversas tentações à vista de Deus.” (Joseph

Joseph Smith como um Jovem

James B. Allen

James Allen é um professor de história americana na Universidade de Brigham Young, com especial predileção pela vida e época de Joseph Smith. A “New Era” formou um comitê de professores de história e de estudantes secundários e universitários, para compor uma lista de questões que desejavam conhecer acêrca da juventude do Profeta. Este artigo é o resultado.

Smith 2:28). Não que tivesse cometido “quaisquer grandes ou sérios pecados”, porque, como diz, “jamais existiu em minha natureza disposição para cometê-los”. Mas, sendo jovial, alegre e sempre disposto a brincadeiras, foi “culpado de frivolidades”. Muitas vêzes, sentiu-se merecedor de censura, afirma, por suas “fraquezas e imperfeições”, (Veja Joseph Smith 2:29) mas, ao atingir os dezessete anos de idade, encontrou a força interior necessária para vencer suas imperfeições mais graves, e a coragem para buscar fervorosamente o perdão de Deus, no que logrou sucesso.

Seu juízo e bom senso continuaram a desenvolver-se, pois, ao completar vinte anos, conseguiu persuadir seu patrão a abandonar as escavações em busca de um tesouro. Joseph estava trabalhando para Josiah Stool, ganhando catorze dólares por mês. Como muita gente naquela região de Nova York, seu empregador procurava tesouros enterrados. Conta Joseph: “Continuei a trabalhar durante quase um mês, sem sucesso em nosso empreendimento e, finalmente, convenci aquêle senhor a desistir de procurar a mina. Desde aí originou-se a história predominante de me ter tornado um cavador de dinheiro.” (Joseph Smith 2:56)

Embora devesse tornar-se um profeta, Joseph sentiu muitos dos problemas, tentações e preocupações da juventude. Estas experiências ensinaram-lhe o arrependimento e o perdão, princípios de vital importância para pessoas de qualquer idade.

Infelizmente, o jovem Joseph não manteve um diário; seu nome não é mencionado em qualquer jornal daquele tempo; e cartas contemporâneas não incluem qualquer informação sôbre êle. Por isso, somos obrigados a reconstruir aquêles anos de sua mocidade, a partir das reminiscências de sua mãe e de outros conhecidos seus, além dos conhecimentos que temos sôbre as condições vigentes na época.

Êle tinha apenas nove anos, quando sua família se mudou de Vermont para a parte ocidental de Nova York. Esta transferência se deveu, como a de milhares de outros cidadãos da Nova Inglaterra, à esperança de conseguir melhores terras agrícolas e de progredir economicamente. O nôvo sítio (mais ou menos 100 acres) era formado de terras cobertas de mata e, pelo menos, o primeiro ano foi gasto na derrubada.

O casal Smith tinha oito filhos e enfrentava tempos difíceis. O jovem Joseph sabia o que significava

para os pais estarem endividados, como também contar-se com alguém, pois tinha que trabalhar, a fim de ajudar no sustento da família.

Joseph aprendeu o trabalho de lenhador no sítio paterno em Nova York, ao ajudar o pai e os irmãos a devastarem as terras densamente arborizadas. Costumavam fazer um corte em torno do tronco, retirando um anel da casca da árvore e provocando, assim, a sua morte. A madeira seca era então queimada e, às vezes, os pioneiros conseguiam vender as cinzas de madeira de lei ou a potassa e o carbonato de potássio fabricados com elas. Quando não faziam as árvores secarem, cortavam-nas verdes, o que não era tarefa fácil naquelas terras cobertas de bordos.

A propriedade da família Smith prestava-se à cultura do trigo e, se foram colonos típicos, por certo iniciaram a plantação logo que possível.

O nôvo sítio não poderia de imediato prover a subsistência de uma família de dez pessoas, por isso Joseph e seus irmãos logo trataram de colaborar com tôda a sorte de pequenos empreendimentos. A mãe pintava oleados que os filhos mascateavam de porta em porta.

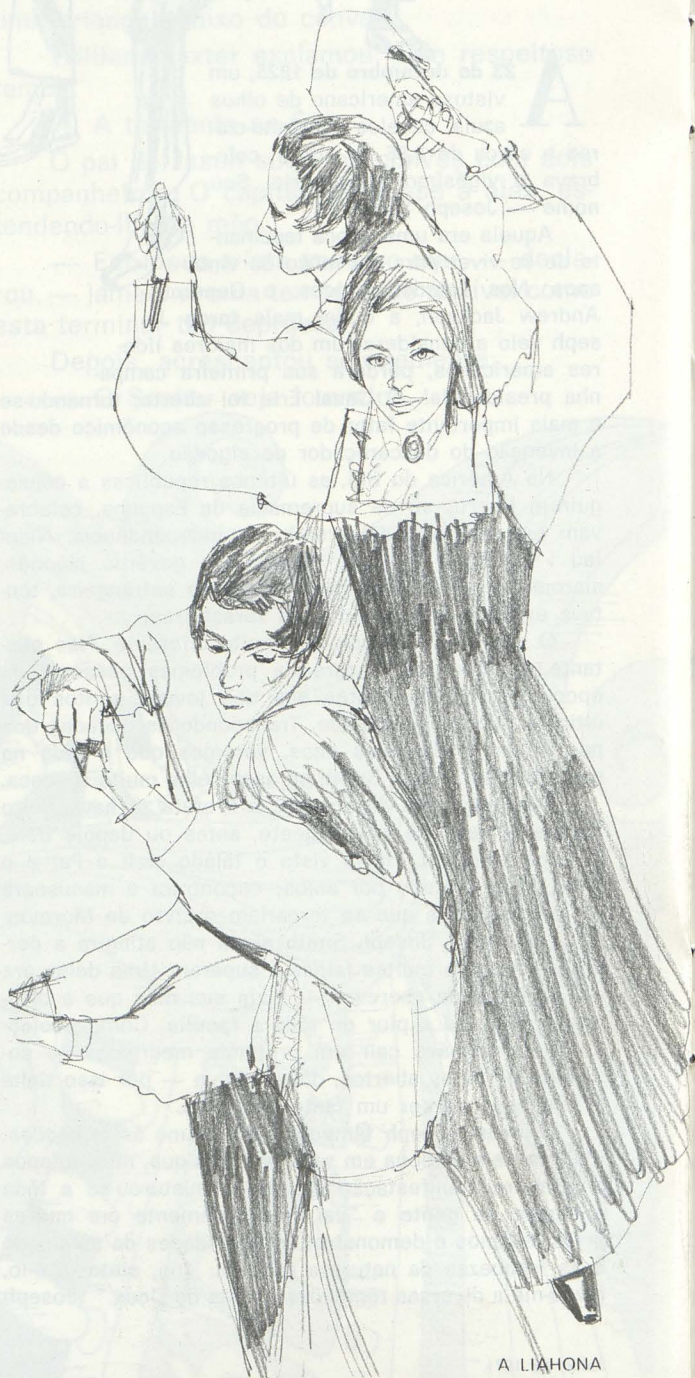
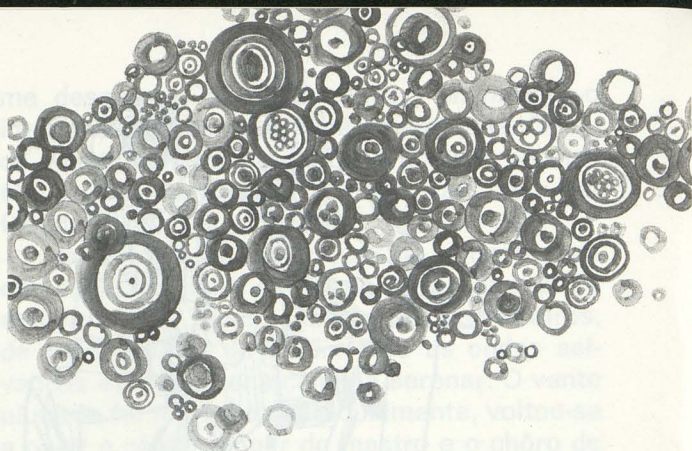
Em Palmyra, antes de irem morar no sítio, o pai de Joseph abriu um negócio em que vendia "root beer" (Bebida não-alcoólica feita de diversas raízes. N. do T.) e bolos, pão de gengibre, tortas, ovos cozidos etc., muitas vezes oferecendo-os de porta em porta, num carrinho feito por suas próprias mãos. É provável que Joseph o tenha auxiliado.

Mais tarde, êle vendeu lenha, além de outros produtos de fabricação caseira como cadeiras, cêstas, vassouras e xarope de bôrdos. A família também costumava vender bolos e "root beer" por ocasião de reuniões públicas, inclusive nas destinadas a despertar a fé religiosa, e celebrações de dias de festa.

Quando um pouco mais crescido, Joseph encontrou oportunidade para trabalhar fora de casa, capinando culturas de milho, cavando poços e removendo pedras. Um vizinho para o qual trabalhou disse dêle: "Sua nobreza de conduta, lealdade e maneiras bondosas não podiam deixar de granjear-lhe a estima dos que tinham o prazer de conhecê-lo. Em todos os esportes e divertimentos de rapaz, nunca soube de alguém que conseguisse derrotá-lo, e, no entanto, mostrava-se sempre gentil e mantinha-se nas boas graças de todos."

A juventude de Joseph Smith não foi uma vida só de trabalho e privações. Sua mãe conta que êle gastava muito tempo meditando. Era também muito curioso acêrca das coisas que o rodeavam — talvez mesmo até o ponto de, às vezes, tornar-se uma "praga". Certa feita, um brincalhão lambuzou seu rosto de tinta preta, quando se aproximou demais de uma prensa tipográfica. Por outro lado, tinha uma natureza jovial e bom senso de humor; não era incomum, mesmo quando adulto, deliciar-se com algumas anedotas inofensivas de sua própria autoria.

Joseph também apreciava os esportes e a vida ao ar livre. Encontrava tempo para destacar-se em diversos jogos e passatempos. Nas comunidades fronteiriças da América do Norte, as provas de destreza e resistência, tal como luta romana, corrida a pé, saltos e "prova



do bastão" eram muito populares entre os rapazes, e Joseph saía-se bem em tôdas elas.

Na "prova do bastão", dois competidores ficam sentados no solo, de frente um para o outro, com os pés encostados, agarrando com as mãos um bastão suspenso entre eles. Aquêles que fôr capaz de fazer o oponente levantar-se puxando pelo bastão é o vencedor. Tendo altura considerável, bem como boa coordenação física, Joseph raramente perdia nessa prova ou na luta livre. Ele também gostava de pescar, especialmente em "Durfee's Millpond" (Açude de Durfee. N. do T.) perto de Palmyra, e apreciava caçar. Ainda quando adulto, passava muitas horas na mata com seu cão e a espingarda.

Como grande parte dos jovens camponeses da época, Joseph teve pouca oportunidade de ir à escola. Como criança, provavelmente tenha freqüentado classes elementares em Vermont, onde obrigatoriamente havia escolas públicas em tôdas as comunidades. Em Nova York, porém, não existia ensino gratuito, e a família não dispunha de meios para matricular os filhos em escolas particulares.

Segundo o depoimento de alguns vizinhos, os Smith costumavam discutir a Bíblia e dar aulas aos filhos nas noites de inverno. Joseph aprendeu a ler, escrever e os rudimentos de aritmética, como também a falar em público desembaraçadamente, tendo sido um membro ativo de um clube de debates. Posteriormente, ampliou grandemente sua educação, estudando línguas, história, ciências e administração pública.

Como todo rapaz normal e bem desenvolvido, Joseph eventualmente atingiu a idade em que se interessava também pelo sexo oposto. Duas das mães por êle cortejadas eram filhas de Josiah Staal, que vivia a uns 65 Km de Palmyra, e para quem foi trabalhar, quando estava para atingir vinte anos. Não dispomos de informações concretas acêrca do que costumavam fazer durante seus encontros, entretanto é lícito supor que tenham seguido os hábitos dos colonizadores do Oeste, entre os quais a dança era o divertimento mais popular.

A dança mais comum era a famosa "Virgina reel" (Uma contradança folclórica. N. do T.), de passos rápidos e rodopiantes, que mantinha os pares em constante movimento. As festinhas caseiras eram também freqüentes, reunindo grupos de jovens para comer quitutes, dançar e divertir-se com brincadeiras de salão. Diz um historiador daqueles tempos: "Como grande parte dêsses jogos visavam o beijar como objetivo principal, êles favoreciam eficientemente o namôro."

Joseph, sem dúvida, gostava muito de namorar, mas também parece claro que sua conduta para com as mães que namorava era exemplar. Alguns anos mais tarde, certas pessoas mal intencionadas que procuravam algo em sua vida anterior que pudesse incriminá-lo, levaram as duas filhas de Staal à côrte, a fim de interrogá-las. Tôdas as duas, entretanto, declararam que sua conduta, tanto em particular quanto em público, fôra acima de qualquer reparo.

Jovial, bondoso e folgazão, mas, ao mesmo tempo, cõscio de suas responsabilidades quanto ao próprio caráter e o de outros, Joseph Smith não deu a nenhuma jovem margem para remorsos por ter convivido com êle.

Enquanto ainda trabalhava para Josiah Staal, conheceu uma jovem muito especial, que não demorou a tornar-se sua espõsa. Emma Hale era filha de Isaac Hale, um caçador da região, em cuja casa Joseph estava como pensionista. A mãça era dezessete meses mais velha do que o vistoso rapaz que chegara à localidade de Bainbridge, e logo os dois jovens ficaram profundamente apaixonados.

Seu romance encontrou sérios obstáculos, pois o pai de Emma se preocupava com a história de Joseph ter tido visões e revelações. Como não o conhecia muito bem, naturalmente ficou suspeito, negando-se a consentir no casamento. Entretanto, os dois sentiam genuíno amor mútuo, e como ambos eram de maior idade (Joseph tinha 21 e Emma 22 anos), decidiram que o único recurso era fugirem para casar, o que se deu em 18 de janeiro de 1827.

Em um aspecto, a juventude de Joseph Smith assemelha-se à dos rapazes e mãças de hoje. Nas escolas secundárias e universidades pelo mundo inteiro, os estudantes preocupam-se não sòmente quanto ao futuro próprio como também àquilo que se refere ao mundo em que vivem. Guerras, crimes e a destruição do meio-ambiente têm levado os jovens pensantes a buscar um sentido para a vida. Por que tudo isso e onde encontrar a verdade final?

As questões e problemas eram diferentes na época de Joseph Smith, porém não o espírito da sua busca. Joseph era estimulado por sua natureza contemplativa, sua curiosidade e interêsse por leituras, bem como pelo alvoroço que o cercava. Ao chegar à adolescência, os eventos mais dramáticos na região ocidental de Nova York diziam respeito à religião. O "segundo grande avivamento" engolfava o país, especialmente o Oeste, e embora a maior parte da população não pertencesse formalmente a qualquer igreja, muita gente demonstrava interêsse pelas campanhas para despertar a fé religiosa realizadas em centenas de comunidades.

Joseph era mais do que curioso. Passou a dedicar-se à busca do sentido da vida — e da verdade. Com a idade de doze anos, estava tão profundamente influenciado por tais questões, que ficou preocupado com o bem-estar de sua alma. No decorrer dos próximos anos, estudou diligentemente a Bíblia o suficiente para tornar-se preocupado também com o bem-estar da humanidade como um todo, resultando daí sua decisão de orar ao Senhor e a cõseqüente primeira visão.

A mocidade de Joseph Smith foi complexa e sob muitos aspectos pode ser comparada às experiências e problemas da juventude moderna. Viveu num mundo menor que o nosso, mas nem por isso sofreu influência menos direta. Trabalhava e folgava, e às vèzes, ficava apenas sentado a pensar. Embora tivesse aspirações elevadas, também cometia erros. Tinha pouco estudo, mas via a necessidade de mais conhecimento.

Foi cometido das tentações comuns à maioria de mãços e, contudo, aprendeu a realidade do perdão. Mesmo ainda mãço, Joseph Smith estabeleceu o exemplo para os jovens de ambos os sexos da Igreja, com sua vida salutar, íntegra e equilibrada, e superando problemas e obstáculos.

Se êle o conseguiu, nós também podemos fazê-lo.

Minha Jornada com Deus

Carla Sansom

Ao receber o aviso de convocação naquele dia de março de 1945, senti meu coração desfalecer. A guerra já estava perdida. Todo mundo o dizia. Não obstante, eu, uma adolescente de Hamburgo, devia apresentar-me ao serviço militar no prazo de três dias, numa base aérea próxima à cidade, para dali ser enviada à outra base, no interior da Tchecoslováquia.

Meus pais despediram-se de mim com um beijo e os olhos marejados de lágrimas. Dois de seus filhos já se encontravam na frente de batalha — um na Rússia, o segundo como pára-quedista em lugar ignorado, sem que tivessem notícias de nenhum dos dois.

— Só nos resta confiar em Deus, — foram as palavras de meu pai para mim. — Não se esqueça de recorrer a êle em todos os momentos.

Eu estava inconsolável. Imaginava se algum dia voltaria a vê-los. Os tempos eram tão perigosos! Com todos aqueles bombardeios e ataques furiosos aos trens, seria quase um milagre eu chegar à base em segurança. Afinal, consegui, mas foi uma longa, longa jornada.

Quando cheguei à base na Tchecoslováquia, o velho pagador de cabelos brancos exclamou:

— Não é que agora nos mandam crianças! Céus, menina, por que não ficou em casa com a mamãe? Você não sabe que os russos já estão chegando? De mais a mais, não temos nenhum serviço de escritório por aqui.

Os russos, de fato, estavam muito perto, como o provavam os montes de refugiados que passavam pela cidade. Tínhamos que providenciar abrigo para êstes por uma noite. Continuaram chegando durante as três semanas seguintes — de carroça e a pé, famintos, doentes, completamente exaustos, denunciando no olhar o horror do canhão russo. Alguns já não tinham mais sapatos nos pés, abrindo ca-

minho penosamente através da neve, com os artelhos inchados envoltos em trapos de aniação. As crianças de colo choramingavam sem cessar. Fazíamos o possível para prestar-lhes ajuda, mas nosso pôsto não dispunha de recursos para tal emergência.

Em abril, começou o degêlo naquelas terras orientais. Embora o frio continuasse intenso, o prenúncio da primavera parecia flutuar pelo ar. Certo dia, o idoso pagador me chamou de lado com reprimida excitação:

— Acabamos de receber aviso de que os russos estão-nos cercando. Providenciei os papéis necessários, para que você possa voltar a Hamburgo. Começa que você já não deveria ter sido mandada para êste lugar. Tem que partir hoje mesmo, se quer safar-se daqui, antes que todos sejamos aprisionados.

Consegui pegar o último trem civil com destino a Praga, metendo-me num pequeno espaço vago na plataforma de trás, apinhada de tchecos e eslovacos. Imaginava se aquela gente sabia que eu era alemã. Quando o trem se pôs em marcha aos solavancos, meus olhos vaguearam de uma face para outra. Nenhum dêles tomou conhecimento. Tentei esgueirar-me para um canto junto do suporte, mas aquelas pesadas botas camponesas não cediam sequer um milímetro. Sentia apenas o pungente hálito de alho bafejando-me o rosto e a nuca.

O trem prosseguia chocalhando ruidosamente, parando aqui e acolá. A noite já estava para cair, mas ainda continuava bastante claro, devido ao reflexo da neve. Os thecoslovacos pouco falavam, entendendo-se mais com olhares. Sômente de vez em quando trocavam umas palavras, sempre pronunciadas muito depressa e excitadamente. Comecei a perceber, entretanto, que seus olhares estavam voltados para minha pessoa. Sùbitamente, dei-me conta de que estava sendo empurrada, muito lentamente, para a borda da plataforma trazeira, bem por cima dos trilhos. Fitei-os desvairadamente, encontrando apenas olhares inexpressivos. Comecei a entender. Estavam discutindo se deviam ou não jogar-me do trem em movimento, livrando assim o mundo de mais um

Carla Sansom, nascida em Hamburgo, Alemanha, onde testemunhou os dramáticos eventos da II Guerra Mundial, é filha de pais santos dos últimos dias. Atualmente, seu filho está cumprindo missão na Alemanha Ocidental. É espôsa de Kenneth Sansom e professora da classe de doutrina do Evangelho na Ala de Pacific Palisades, Califórnia.



alemão. Pareceria um simples acidente naquelas condições apinhadas. Isso estava acontecendo a toda hora — ninguém jamais viria a descobrir a verdade.

Meus olhos encontraram os de um jovem camponês de aparência agressiva que pareciam dizer: "Você é alemã. E na presente situação, não existe desculpa para isso."

Firmemente agarrada ao suporte, procurei ansiosamente alguém que não fôsse tão hostil. Todos estavam a me observar. De repente, o trem freou de modo brusco e inesperado, fazendo com que todos perdessem o equilíbrio. Tropecei caindo contra o peito de alguém, sentindo u'a mão forte segurar meu braço por um momento. Olhei para cima, bem dentro dos olhos de um homem forte e sombrio.

— Obrigada, — murmurei em tchecoslovaco. (Havia aprendido uma meia dúzia de palavras do idioma). Ele meramente fitou o espaço ao longe.

Naquele instante, na linha ao lado, passou um trem cheio de tropas em direção oposta. Estava atulhado de exaustos soldados alemães de infantaria, em trânsito para a frente russa. Os tchecoslovacos examinaram-no atentamente, até que o último vagão passasse e depois mostraram os dentes num largo sorriso sarcástico. Aquela leva de soldados germânicos cedo seria lançada na goela dos canhões russos. Não mais havia motivos para atentarem para a minha pessoa.

A estação ferroviária de Praga estava um pandemônio, cheia de gente correndo excitadamente de lá para cá. O pôsto militar germânico informou-me que não seguiriam mais trens para a Alemanha, com exceção das composições de tropas.

Senti-me tomada de pânico. E agora? Não havia solução e os russos já se aproximavam. Corri de plataforma em plataforma, implorando em voz alta que Deus me ajudasse.

Súbitamente, uma voz, vinda da janela de um trem militar, gritou em alemão:

— **Wo gehn sie hin, Fräulein?** (Aonde vai você, môça?)

— Tenho que voltar à Alemanha, mas não sei como. Não há mais trens. — Eu estava quase chorando.

— Tem êste aqui. Nós esconderemos você.

Uns dez ou doze braços estenderam-se para mim, puxando-me para dentro do vagão

pela janela. O trem estava superlotado de soldados. Um dêles observou:

— Êste local não é dos mais confortáveis mas sempre resta lugar para mais um.

— Para onde vão? — perguntei temerosa.

— Não temos idéia. Mas, pelo menos, estamos caindo fora daqui!

Ofereceram-me um cantinho num banco perto da janela, do contrário teria sufocado. Os soldados disseram que, quando o trem parasse, êles me esconderiam debaixo de um capote militar. O trem parou diversas vezes, sempre acobertado no interior de um túnel ou ao abrigo das árvores de uma floresta, por causa de ataques da aviação aliada. Entretanto, não se dava ordem alguma, e no momento eu estava livre do malcheiroso capote militar.

Levamos mais de catorze horas para chegar aos arredores da cidade de Dresden. O trem foi desviado para uma estação secundária, pois a principal acabara de ser arrasada pelas bombas. Por quilômetros e mais quilômetros, não se via nada além de ruínas e entulho. Era difícil de acreditar que esta fôra uma vez a cidade de Bach e de Mozart.

Em Dresden, fiquei mais uma vez por minha conta, em meio do caos! O pessoal da Cruz Vermelha estava mais do que ocupado, cuidando de feridos e crianças — os veículos militares correndo apressadamente em tôdas as direções. Era impossível comunicar-se com quem quer que fôsse.

Um civil gritou-me:

— Esconda-se nas ruínas. Logo haverá nôvo bombardeio!

Mais uma vez, senti-me tomada de extremo desespero. "O que devo fazer?", orava continuamente, enquanto caminhava a esmo.

Então tive uma sensação estranha, como que sentindo um braço invisível, amoroso, em tôrno de meus ombros. Eu o sentia intensamente. Poucos minutos depois, um caminhão passou por mim, de repente parou e depois voltou em marcha à ré para onde eu estava.

— Eh, **Fräulein**, quer uma carona?

— Sim! Oh, sim! Preciso encontrar uma estação de estrada de ferro que ainda esteja funcionando.

— Então, suba! Vamos encontrá-la para você.

Parecia um milagre. De repente, havia uma plataforma, trilhos e o trem.

— Este trem é somente para tropas? — perguntei a um capitão, ao percorrer a plataforma.

— É sim. O que você anda fazendo por aqui?

Apresentei-lhe meus papéis. Examinando-me com um olhar bondoso, exclamou baixinho:

— É inacreditável! O que aconteceu com nossa pátria? Espera aqui.

O capitão aproximou-se de um grupo de oficiais. Após conferenciar brevemente com eles, fêz-me um sinal.

— Estamos a caminho de Berlim. Combate, você compreende. Os russos já estão perto de Potsdam. Você pode vir conosco. Assumiremos a responsabilidade.

Mais uma vez, vi-me espremida como sardinha em lata. Mas desta feita, a passagem era de pé. Fiquei apoiando-me num pé só alternadamente, durante a viagem inteira. Foi tamanha agonia, que ainda hoje não parece ter acontecido realmente. Um soldado ofereceu-me uma crosta de pão velho. Tinha gosto de bôlo. Era a primeira comida que ingeria depois de três dias. Jamais senti-me tão agradecida por algo para comer, e silenciosamente, dei graças por êle.



Carla Sansom quando tinha 15 anos de idade.

Os céus enxameavam de aviões aliados procurando atacar o trem, repetindo-se as paradas dentro de túneis e florestas. Diversas vezes, a composição tinha que ser desviada por outras rotas, dando a impressão de que estávamos voltando ao lugar de partida. Víamos clarões de fogo em quase tôda a volta do horizonte, acompanhados dos constantes ribombos da artilharia.

Quando o trem parou de uma vez, meus pés estavam completamente insensíveis, de tão inchados. Os soldados arremessaram-se para fora como abelhas de uma colméia em chamas. Estávamos em plena zona de combate — havia tanto barulho, que se tornava impossível distinguir os diversos sons. Sabia que seria inútil procurar abordar alguém, por isso pus-me a caminhar para longe, sem rumo. Estava exausta e atemorizada. Então, ouvi alguém dizer:

— Quer uma carona para Berlim? Deixaremos você numa estação do metrô.

Era a voz do mesmo capitão que eu encontrara antes, aquele dos olhos bondosos.

Em Berlim, olhei à minha volta — ISTO não poderia ser a terra. Era um outro planeta no primeiro estágio milenário da criação. Não havia mais côr nem vida, todos se abrigavam no fundo dos túneis do metrô. Ali encontrei as massas humanas trêmulas, com o pânico estampado em muitos olhares. As faces, mesmo da menor das crianças, contavam-me que já haviam vivido uma existência inteira. Fiquei a perambular mecânicamente. Uma vez, alguém tentou roubar-me a maleta. Agarrei-me a ela, como se encerrasse minha própria vida.

— Ainda partem quaisquer trens de Berlim? — indaguei.

— Você deve estar maluca, **Fräulein!** — responderam-me bruscamente. — Berlim está cercada pelos russos. Você está ansiosa em ir para a Sibéria?

Eu estava pronta a desistir. O que adiantaria procurar escapar? Estava totalmente exausta. Mas, naquele preciso momento, senti novamente o braço invisível em redor dos ombros, incutindo-me ânimo para prosseguir. Ao saber que ainda corriam alguns trens do metrô, decidi não procurar o **Lehrter Bahnhof** (Uma das principais estações em Berlim. N. do T.). Uma forte impressão levou-me a escolher outro rumo. Tomei o primeiro metrô que apareceu, sem saber para que lado ia. Ao sair do

tunel vi bem na minha frente o que antes fôra uma estação ferroviária. Em meio aos escombros, havia um trem parado e as pessoas que embarcavam eram civis!

— Esperem por mim! — gritei. Embora não houvesse nenhum sinal de que o trem estivesse para partir, corri tão depressa quanto meus pés enfraquecidos permitiram.

— Por favor — qual o destino dêste trem?

— Hamburgo, — responderam-me.

— Hamburgo! Oh, muito agradecida, Senhor! — orei em alta voz. — Muito obrigada!

Ofereceram-me lugar junto a um grupo de mães com seus bebês. Um copo de leite de garrafa térmica apareceu na minha mão. Como ainda era maravilhoso êste mundo!

Passaram-se três horas, antes de o trem pôr-se em movimento — três horas de frustração e nervosismo. E se os trilhos fôssem bombardeados? O que aconteceria, se os russos fechassem o cêrco? Eram tantas as coisas devastadoras que poderiam acontecer a qualquer instante.

Finalmente, o trem começou sua marcha arrastada pelas regiões rurais.

Ouvíamos o longínquo som de bombas. O horizonte cobriu-se de fumaça, e novamente o trem parou, esperando que o céu ficasse limpo dos aviões de bombardeio e de caça: Temi que Hamburgo houvesse sofrido outro bombardeio. E se minha casa tivesse sido destruída! E os meus pais, será que nada lhes aconteceria? Mas, em minha mente, podia ver mamãe e papai tão vividamente, que me convenci de que estavam a salvo.

O trem prosseguia lento. Uma viagem que normalmente não chegaria a levar um dia, agora exigia dois. Afinal, o trem chegou ao fim da jornada, numa pequena localidade próxima a Hamburgo.

— A **Elbbrücke** (Ponte do Rio Elba) não dá passagem, — alguém gritou. — Quem quiser ir a Hamburgo terá que fazê-lo a pé!

— E como atravessaremos o rio?

— As pontes menores continuam intactas.

Os passageiros organizaram-se em grupos. Os mais fortes ajudavam os fracos e cuidavam das crianças e bebês. Depois, os diversos grupos tomaram cada um seu rumo.

— Mantenham-se junto aos fossos e às matas, — alguém gritou atrás de nós.

Hamburgo distava apenas vinte e cinco quilômetros, mas êsse último trecho parecia o

mais duro de tôda a jornada. Arrastava-me o mais ligeiro que podia. Nosso grupo já ficara bem pequeno. Ninguém tinha que ir tão longe quanto eu.

A **Elbbrücke** lembrava um gigante caído de costas, uma perna no ar e a outra meio submersa no rio. Senti-me esmagada de emoção, vendo êsses marcos familiares, a despeito de tôda a destruição. As sirenes deram dois alarmes, felizmente ambos de curta duração. Na primeira vez, tive tempo de alcançar um abrigo contra bombas; na outra, fui obrigada a esconder-me em ruínas.

Parecia que da minha querida Hamburgo só restavam ansiedade e destruição. A guerra cobrara seu tributo. Eu levava meus sapatos na mão, pois os pés estavam por demais inchados para poder usá-los. Uns poucos quilômetros ainda e estaria em casa! Cinco, três, depois só mais um quarteirão — e lá estava o Dunkersweg, a rua em que ficava nossa humilde morada. Dobrei a esquina, fechei os olhos e parei — tremendo. Não seria melhor voltar e procurar primeiro um amigo ou vizinho, para saber se tudo estava em ordem? Não, devia pelo menos dar uma olhadela. Abri os olhos. Ali estava a chaminé recortada em silhueta contra o céu, à luz do luar. A casa ainda continuava de pé!

— Agradeço-te, querido Senhor, — murmurei.

Mas, e meus pais, será que estariam ali? O coração subiu-me à bôca — comecei a correr.

— Ouçam! Sou eu! Abram! Abram! Sou eu! — Mas houve sòmente silêncio.

— Ouçam! Sou eu! Abram! — Então, repentinamente, ouviu-se um som arrastado do outro lado da porta.

— Quem é? — indagou papai, abrindo a porta.

— Oh, Carla! É você? Mãe! Mãe! Levante! Nossa menina voltou! Nossa filha está novamente em casa!

Ambos vieram correndo até a entrada.

— Pensamos que era um sonho — chorava mamãe. E lá ficamos aos abraços e beijos, gaguejando e chorando, tudo ao mesmo tempo. Eu estava em casa!

— Estivemos de joelhos dia e noite, e também os vizinhos. Êles nos ajudaram com suas orações, — disse papai.

Eu sabia que aquêle braço invisível não havia sido uma ilusão!



Teriiothemana e Puna

Don e Jean Marshall

Na longínqua Ilha de Taiti, uma mulher vestida em malha de algodão vermelha curva-se sobre a peça em que está trabalhando. As costas corcovadas, uma das vistas inutilizada, ainda assim seus dedos movem-se ligeiros entre as finas fibras de pandano, obtidas da planta do mesmo nome, com as quais tece cêstas, chapéus e esteiras.

Tal trabalho não tem segredos para ela. Após oitenta anos, suas mãos tornaram-se velhas amigas do material semelhante a junco que trança, dobra e controla com extrema perícia. Seus dedos trabalham sem cessar, porque ela tem um objetivo: pela terceira vez, aguarda com quase ofegante expectativa uma viagem à

Dr. Marshall fez uma missão no Taiti de 1955 a 1958 e, mais tarde, retornou com sua esposa, Jean, a fim de estudar e escrever. Agora planejam estabelecer-se no Oeste dos Estados Unidos após doutorar-se ele na Universidade de Connecticut. São membros da Ala Manchester, da Estaca de Hartford.

Nova Zelândia — o templo, "endowments" (investidura), selamentos e batismos.

Tudo isso era somente abstrações vagas para Teriioemana durante os longos anos em que ficou sentada num canto da choupana de bambu, tecendo os artigos que iriam financiar, centavo a centavo, sua viagem à longínqua terra dos maoris e do templo do Senhor. Enquanto tecia desde as primeiras horas do dia até o anoitecer, seu marido, Puna, contribuía com sua parte para o projeto. Cultivava e carpia a plantação de couves, tomates e cebolas que, por ocasião da colheita, aumentariam de alguns centavos as suas economias.

Foram-se passando os anos, vivendo os dois em sua faina constante. Os centavos se multiplicavam, embora muito lentamente. Então um dia, enquanto no resto do mundo se abriam presentes e trocavam votos de Feliz Natal, Teriioemana e Puna subiam solenemente os degraus da escadaria do Templo da Nova Zelândia. Caminhavam como que imersos em sonho, sem dar ouvido às vozes animadas dos oficiais do templo, falando uma língua estranha, como também às palavras sussurradas do próprio taitiano, comentando reverentemente a realização de sua chegada à Nova Zelândia e a passagem pelo templo no dia de Natal.

Isto foi em 1963. Por quinze dias, aquele grupo de santos do Taiti, o primeiro a visitar o templo, lá estava às seis horas da manhã, e ali continuava depois da meia-noite, hora em que, após numerosas sessões, o templo encerrava seus trabalhos.

Finalmente, subiram ao avião para a longa viagem de retorno ao Taiti. Para muitos deles, o que passou significava a realização de um sonho, enquanto para Teriioemana era apenas um início. A cabeça repousando contra o encosto, de olhos cerrados, ela revivia os acontecimentos no templo passo a passo, tentando fixar indelévelmente na memória as palavras que havia ouvido. Esse reviver mental iria continuar durante as numerosas noites insones, muito depois de ter voltado à sua frágil choupana de bambu, em Tubuai. Ao desembarcar do avião no novo aeroporto de Papeete, despedindo-se dos demais santos taitianos e preparando-se com o marido para a viagem de barco de sete dias até a ilha em que viviam, ela já sabia que voltaria a trabalhar em seu artesanato, mas agora com mais afincamento do que nunca.

“Se Deus me der fôrça e me der alento...”

— Irão novamente conosco no ano que vem? — perguntara o Presidente Thomas R. Stone, ao ajudá-la a descer do avião. Ano que vem, ano que vem, **ano que vem** — as palavras atropelavam-se-lhe na mente, enredando-se na própria impossibilidade. De que modo os labôres de tantos anos poderiam ser repetidos e espremidos num único ano? E depois, havia a questão da saúde — e mesmo da vida em si.

— Se Deus me der fôrça e me der alento, — respondeu, quase sem querer.

— Você conseguirá, — o presidente replicou.

Essas palavras e seu murmurado acôrdo com Deus ficaram a ecoar em sua mente por todos os dezoito meses seguintes.

Outro grupo de taitianos deveria partir rumo à Nova Zelândia, em julho de 1965. Com êste objetivo em mente, Teriioemana voltou a tecer, e Puna à sua enxada. Mas a colheita daquele ano foi ruim, além do que as costas de Puna já não eram tão fortes como antes. Venderam os porcos e mudaram-se para Papeete, onde Puna saiu à procura de trabalho, qualquer coisa que um velho de setenta e tantos anos pudesse fazer. Finalmente, encontrou um emprêgo no cais — trabalho muito mal pago, mas que podia fazer calmamente com as mãos.

Enquanto isso, as mãos de Teriioemana continuavam atarefadas, voando e torcendo-se entre os fios de pandano, donde saíam chapéus, cêstas e esteiras. A data prevista se aproximava; o segundo grupo de santos do Taiti a visitar o templo terminava os preparativos de última hora. As mãos continuavam a trabalhar; o dinheiro ainda não era o suficiente. Missionários enviavam donativos. As mãos de Teriioemana, agora já nodosas, prosseguiram em sua faina no que parecia uma vã tentativa de retribuir-lhos. E quando o avião partiu na data marcada, Puna e Teriioemana estavam a bordo.

“Se Deus me der fôrça e me der alento.” Estas palavras não lhe saíam da mente, enquanto o avião

voava em direção ao seu destino. Embora estivesse viva e a caminho da Nova Zelândia, não havia contado a ninguém que uma vista estava cega, nem quisera falar das dores que lentamente engelhavam suas costas e, acima de tudo, das visitas ao médico em Papeete e das radiografias que a deixavam confusa. Teriiootemana sabia que alguma coisa não ia bem.

O interior do templo foi por ela saudado como um velho amigo. As salas e escadarias recordavam-lhe os bons tempos que ali passara. Mas, desta vez, os corredores pareciam mais escuros e suas pernas mais fracas, — Teriiootemana estava seriamente enfêrma. O Presidente Stone foi informado telegraficamente sôbre a gravidade de seu estado e a necessidade de urgente operação. Ele respondeu imediatamente, autorizando uma pronta intervenção, e Teriiootemana, depois de receber a bênção de saúde, submeteu-se corajosamente à anestesia, enquanto o resto do grupo iniciava um período de jejum e orações.

Os dois dias seguintes passaram por Teriiootemana envoltos em névoas indistintas — o quarto estranho, os curativos, a enfermeira de branco que alisava os lençóis e sorria, mas não falava uma palavra de seu idioma. Depois, lá estava o Élder Marlowe K. Ashton, supervisor do grupo taitiano, sentado à beira da cama, afagando sua mão e contando-lhe os eventos miraculosos dos dois dias passados. A operação fôra um sucesso. Os jejuns, a fé, as orações de seus queridos companheiros, bem como a sua própria fé, haviam realizado o milagre.

Passaram-se dezenove dias até que Teriiootemana recuperasse fôrças suficientes para reunir-se novamente ao grupo. Aconteceu no último dia da estada dêles na Nova Zelândia, e êles retornaram à pátria no dia marcado.

Anos se passaram. Teriiootemana enfrentou mais uma grave doença, tendo sido fortalecida pelo poder do Sacerdócio e pela fé. Ainda que não tivesse sido capaz de empreender nova viagem àquela ilha distante com o templo na colina, ela recorda agradecida os compromissos que assumiu e as promessas recebidas, como também o milagre que lhe aconteceu ali.

Nesse meio tempo, enquanto Deus lhe der fôrça e alento, seus dedos continuam a mover-se ligeiros entre as finas fibras de pandano.

Um Aniversário para Recordar

Um vigia empregado na Praça do Templo deu-me a seguinte nota:

"Certa manhã, há muito tempo, estava sentado na casa da guarda da Praça do Templo, entretido na leitura, quando ouvi uma batida na porta. Levantando os olhos, dei com dois garotinhos de uns sete ou oito anos de idade. Ao abrir a porta, notei estarem mal vestidos, sem lavar-se e despenteados. Pareciam ter escapado de casa antes de os pais acordarem. Ao olhar um pouco além, percebi duas crianças pequenas acomodadas em carrinhos de mão. Indagando o que desejavam, um dos garotos replicou, apontando para o irmãozinho sentado no carro:

— Seu nome é Joe. O senhor quer apertar a mão dêle? Hoje é o aniversário do pequeno Joe — completa dois anos hoje, e eu queria que êle pudesse tocar no templo, assim quando fôr homem velho ainda vai lembrar-se de que botou a mão no templo quando tinha dois anos.

— Aquêle é Mark; êle também tem dois anos — Então, em atitude reverente e solene, raramente encontrada em crianças tão jovens, perguntou: — Agora podemos ir até lá e tocar no templo?

— Naturalmente que sim, — respondi.

Empurraram os carrinhos até junto do edifício, levantaram as crianças e colocaram suas mãozinhas contra as paredes sagradas. Então, enquanto os observava ali parado com um nó na garganta, ouvi o garoto dizer ao irmãozinho:

— Agora, Joe, sempre irá lembrar-se de que, quando tinha dois anos, você tocou o templo.

Depois, agradeceram e lá se foram para casa."

Presidente Haroldo B. Lee

Primeiro Conselheiro na
Primeira Presidência.
Conferência de abril de 1957

Reuniões que Promovem o Crescimento

Michael Debuty



A partir da esq. Pres. Shermau H. Hibbert, da MBC, Reinholt Kraft, 2.º cons. da MBC; Werner Spörl, secretário da MBC; Pres. Günther Salik, de Londrina; Osiris Cabral, 1.º Cons. da MBC e Pres. Jahal Samaha de Araraquara.

Entre as regiões em que a Igreja apresenta maior progresso em todo o mundo, estão os Estados de São Paulo e Paraná. Como o Presidente Hibbert observou, em recente conferência de missionários: "O povo brasileiro está preparado para receber a verdade e por esta razão, aceita prontamente o Evangelho." Nos últimos meses, algumas das unidades da MBC chegaram a duplicar ou triplicar o número de batismos em relação aos anteriores.

Uma das principais razões para o grande incremento da Igreja nessas áreas é a boa comunicação. Todos os meses, os presidentes de distrito reúnem-se com a presidência da missão, a fim de receber conselhos e diretrizes. Essas reuniões incluem apresentações e debates sobre a doutrina da Igreja, espiritualidade e assuntos administrativos.

Cada um dos presidentes: César Nalli, de Campinas; Jalal Samaha, de Araraquara; Günther Salik, de Londrina e Levy Gaertner, de Curitiba, transmitem, então, os conselhos da presidência da missão aos respectivos distritos. Com isso, amor e entusiasmo cristãos fazem crescer entre os membros um desejo maior de falar do Evangelho a seus amigos.

A presidência da missão, composta dos irmãos Sherman Hibbert, Osiris Cabral, Reinholt Kraft, Jesus Pretel Busto e Werner Spörl, trabalha diligentemente em conjunto, para preparar reuniões que interessem e beneficiem a todos. É devido a esses homens, impulsionados pelo Espírito do Senhor, que a Igreja vem progredindo tão rapidamente nessa área.

Missão Brasil Norte

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Missionários	CONVERSÕES	
							Fevereiro	Total
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	458	156	30	8	—	—
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	301	113	21	8	—	10
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Mark Taylor	277	95	20	6	2	2
Distrito de Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Angelo B. Perillo	1036	364	71	22	2	12
Anápolis	(não há ramo)		—	—	12	4	—	—
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Luiz M. Barros	396	153	39	10	4	5
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Rodney Owens	217	81	32	6	1	4
Distrito de Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Wayde C. Stoker	613	234	83	20	5	9
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Lery T. Carvalho	557	214	48	8	6	14
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	396	139	3	12	1	8
Meier	R. Silva Telles, 99	Antonio A. Costa	283	101	36	6	2	8
Niterói	R. Miguel Couto, 418	Geraldo de J. S. e Silva	393	171	57	8	2	3
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Estevão Camargo	60	17	6	2	—	—
Petrópolis	R. Tereza, 52	Dana Blackham	187	59	4	4	—	—
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	Randall Lunt	126	47	11	—	—	1
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Ruben A. Galdo	442	151	102	10	—	7
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	108	39	11	4	4	4
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	75	19	10	—	—	—
Distrito do Rio de Janeiro	R. Silva Telles, 99	Valdemar Cury	2600	957	290	54	15	39
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	74	22	11	2	—	—
Fortaleza	R. Barão de Aracatí, 786	Greg Lecheminant	81	27	18	6	—	—
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	155	31	19	6	—	—
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	460	156	121	6	9	11
Distrito de Pernambuco	R. das Ninfas, 30	Alfredo F. T. de Miranda	770	236	169	20	9	11
MISSÃO BRASIL NORTE	R. Stefan Zweig, 158	HAL R. JOHNSON	5019	1791	613	116	31	71

Mera Formalidade

Victor S. Tyler

As aulas dos missionários eram somente uma formalidade para a Irmã Rosa Furtado Leite Patury. Ela nasceu em Barra do Juá, no dia 8 de setembro de 1886. A seguir, reproduzimos um relato de sua conversão à Igreja.

Filha de pais católicos e criada num lar profundamente religioso, conta que costumava ir à missa das seis da manhã, todos os domingos, e também às segundas-feiras, impreterivelmente, a menos que estivesse adoentada.

Ainda hoje, a Irmã Rosa possui memória notável. Lembra perfeitamente o nome do padre que a batizou na Igreja Católica e que mais tarde celebrou sua cerimônia matrimonial, a 27 de outubro de 1911.

O casal teve dois filhos, um dos quais faleceu ainda criança. Por ocasião do batismo, a irmã Rosa comentou: "Ainda que meu filho não seja membro da Igreja, espero que algum dia siga o meu exemplo." (Ele agora está-se preparando para ser batizado).

Seu espôso falecera em princípios de abril de 1918, enquanto viviam em São João do Rio do Peixe. Conta que trabalhava para custear as próprias despesas.

Atualmente, mora com o filho e manteve seu primeiro contato com a Igreja através da nora. Relata como os élderes, ou "moços bonitos" como os chamava, ministraram as lições à sua nora. Esta veio a batizar-se, mas ela não. Passado mais de um ano, decidiu ir à Igreja. Conta que da primeira vez que compareceu, "meu coração logo se abriu — pedia a Deus que fôsse batizada na sua Igreja."

Naquele mesmo dia apresentou-se ao presidente do ramo, a fim de marcar a data do batismo para a semana do seu 84.º aniversário, pedindo-lhe que mandasse os élderes à sua casa para novamente tomar as lições.

A Irmã Rosa é bastante forte a despeito da sua idade, como dispõe de muito tempo, passa suas horas confeccionando toalhinhas de crochê para que os missionários as apresentem às suas mães.

Missão Brasil Central

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Mis- sionários	CONVERSÕES	
							Março	Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	528	124	46	4	7	7
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Benjamin O. Almeida	708	280	37	4	1	1
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	887	375	87	6	—	11
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Júlio Klappoth	530	276	27	4	2	8
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	414	184	14	2	1	6
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	038	413	28	6	2	4
Sorocaba I	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	447	163	35	4	12	23
Sorocaba II	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	326	134	20	4	7	9
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	151	64	11	2	1	5
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	325	129	11	2	3	5
Osasco	R. Caldas Taio, 265	João M. de Souza	270	97	36	2	—	8
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	251	103	34	2	6	10
Tucuruvi	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Edmur D. Lima	—	—	11	—	—	—
ESTACA SÃO PAULO	R. Brig. Faria Lima, 1980	WALTER SPÄT	5875	2347	397	42	42	97
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	505	265	42	6	2	5
Ala II — Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	671	321	64	4	5	6
Ala IX — V. Maria	Av. Guilherme Cotching, 129	Frederico M. Puertas	789	112	12	2	1	4
Ala X — Penha	R. Rodovalho Júnior, 666	José M. Rodrigues Filho	989	415	11	6	9	23
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Wagner dos Santos	670	294	45	6	2	10
Cambuci	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	154	65	22	2	—	—
Guarulhos	R. Santa Izabel, 23	Luiz Cunha	—	—	6	—	9	9
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Demar Stanicia	246	93	24	4	—	1
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. de Souza	280	97	18	4	9	10
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	Elio M. Moraes	353	162	19	4	1	5
ESTACA S. PAULO LESTE	R. Ibituruna, 82	HÉLIO DA R. CAMARGO	4157	1824	263	38	38	73
Ala de Santo André	R. Catequese, 432	João H. Fin	893	170	42	6	8	12
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	José G. Lopes	863	—	37	8	—	14
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Adriano Silva	396	165	45	4	—	3
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Daniel da Glória	230	103	56	2	—	4
Guarujá	R. Alvares Machado, 19	Eurico P. Schimidt	—	16	1	—	—	—
Mauá	Av. Valdemar Leão, 305	Ademar Leal	142	44	2	2	—	1
Ponta da Praia		Nívio V. Alcover	210	117	42	—	—	—
Praia Grande		Ivo dos Santos	—	8	—	—	—	—
Santo André II	R. Catequese, 432	João Barea	185	90	5	2	—	—
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Camilo Antunes	138	65	13	2	1	4
São Caetano	R. Maranhão, 944	Adair A. Garcia	323	—	15	2	—	3
ESTACA SÃO PAULO SUL	R. Catequese, 432	SAUL M. DE OLIVEIRA	3380	778	258	28	9	41
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Jair de Oliveira	308	—	2	4	4	4
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Scott Wall	79	—	10	4	2	5
São José do Rio Preto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	305	—	9	4	6	9
DISTRITO DE ARAÇATUBA	R. Luiz Pereira Barreto, 245	HORÁCIO SAITO	692	—	21	12	12	18
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	513	—	16	4	1	1
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Tao Jan	247	—	3	2	—	4
Marília	R. Lima e Costa, 318	Marcos Rubio	193	—	5	2	2	2
Ribeirão Preto	R. São Sebastião, 1003	Orivaldo dos Santos	414	—	32	6	1	1
DISTR. DE ARARAQUARA	R. Voluntários da Pátria, 1209	JALAL SAMAHA	1367	—	56	14	4	8
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Elésio Ribeiro	786	—	10	4	1	1
Campinas II	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	Henrique Moura	531	—	9	2	1	6
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Geraldo C. Pereira	574	—	9	2	4	4
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Evaldo Martins	566	—	15	2	3	7
Jundiaí	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	389	—	19	2	—	2
Piracicaba	R. Morais Barros, 369	Nelson Gonçalves	253	—	17	2	—	—
Rio Claro	R. Seis, 1438	Van Dyke Gaerner	325	—	17	2	—	—
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	66	—	11	2	—	3
DISTRITO DE CAMPINAS	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	EDUARDO C. NALLI	2990	—	107	16	9	23
Curitiba I	Av. Iguassu, 1460	Jorgi Aoto	750	—	17	4	4	15
Curitiba II	R. Gottlieb Muller, 96	Hipólito T. Rebicki	475	—	13	2	9	13
Curitiba III	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	670	—	19	4	4	9
Curitiba IV	Av. Iguassu, 1460		421	—	15	4	1	3
Curitiba V	R. Gottlieb Muller, 96	Vitor Bento	240	—	12	4	6	6
Curitiba VI	R. Bonifácio Vilella, 460	Rosaldo Gaertner	353	—	16	2	—	—
Curitiba VII	R. Bonifácio Vilella, 460	Bruno Smatz	357	—	8	2	2	2
Curitiba VIII			421	—	11	—	6	6
DISTRITO DE CURITIBA	R. Gottlieb Muller, 96	LEVI GAERTNER	3687	—	111	22	32	54
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	87	—	11	2	—	—
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	Claudio P. Gameiro	565	—	15	2	—	—
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Altamiro Barcello	113	—	2	2	1	5
DISTRITO DE LONDRINA	R. Belo Horizonte, 1236	GUNTHER SALIK	765	—	28	6	1	5
MISSÃO BRASIL CENTRAL	R. Henrique Monteiro, 215	SHERMAN H. HIBBERT	22913	4949	1241	178	147	319

Até hoje, não entendia muito bem como poderia "tornar-me um missionário"; afinal, o trabalho que me era proposto requeria um tempo, que como casado, com filhos e as obrigações a mim pertinentes, jamais teria condições de dedicar, mas, ainda assim, a Igreja insistia: "todo membro um missionário". Finalmente, veja como tornei-me um deles. E é claro que você também pode fazer uma missão igual e alcançar enorme sucesso nesta obra.

Eu Gostaria de Fazer uma Missão, mas...

Heber J. Grant, ex-presidente da Igreja e editor responsável da nossa revista oficial, declarou: Não julgo ser exagero dizer que **o melhor missionário** que temos hoje na Igreja é sua revista oficial".

Recentemente, os Irmãos da Primeira Presidência anunciaram que, a partir de janeiro de 1971, tornar-se-iam os editores responsáveis da revista oficial e declararam que:

O propósito básico desta publicação será:

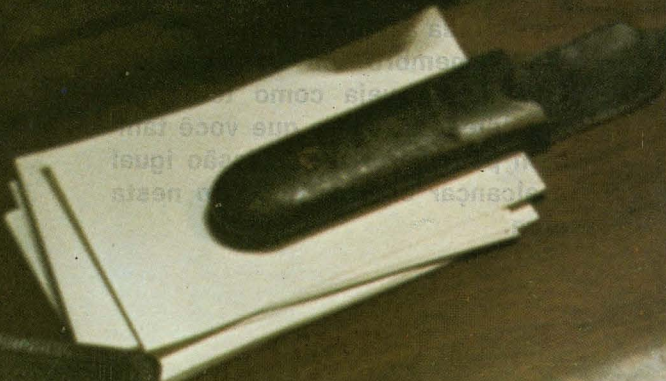
1. Fortalecer a fé ao membros da Igreja.
2. **Promulgar as verdades do Evangelho restaurado.**
3. Manter os membros a par dos planos correntes e vitais, bem como dos programas e acontecimentos da Igreja.

Seria desejável que todos os lares contassem com essas grandes publicações missionárias. Que magnífico instrumento para colocarmos nossos amigos e parentes não membros em contato com as verdades e maravilhas do Evangelho, se lhes presentearmos com uma assinatura. Na verdade, **cada um de nós poderá tornar-se assim um missionário**, como há tanto tempo nos pedem que façamos.

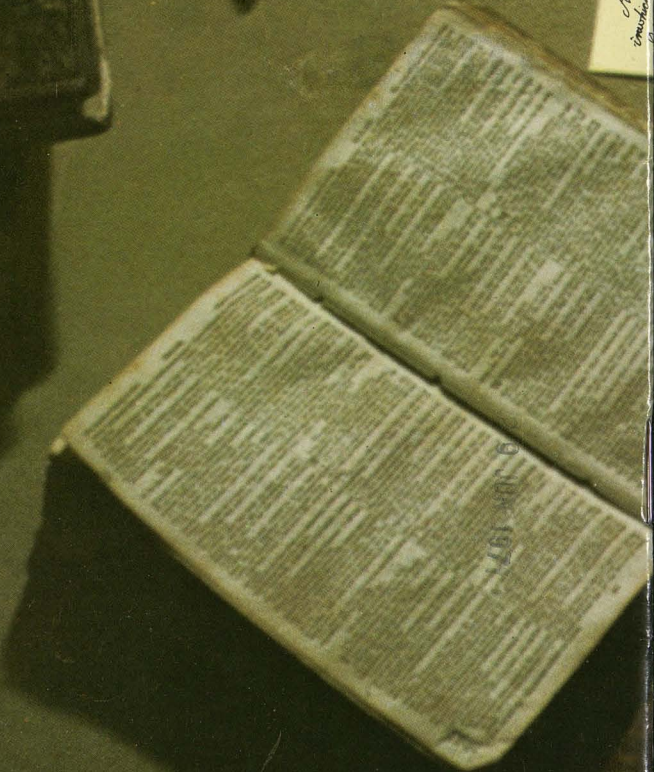
Por certo, todos os membros fiéis desejam dispor de uma assinatura da revista oficial, e **poderão executar a sua obra missionária**, subscrevendo assinaturas para presentear aos amigos. Neste marco histórico, cada um de nós deve ser "participante" e não "mero espectador".

Você já é assinante d' A Liahona?

E quantas **assinaturas missionárias** já fez?



Ch. Jay, 1870, of 22102



9-1108-1977